

A. Brugnolo

Santa Mônica

Mãe de S. Agostinho

III Edição

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

EDIÇÕES PAULINAS

**RIO DE JANEIRO — S. PAULO — PORTO ALEGRE
FORTALEZA — BELO HORIZONTE — CURITIBA**

Imprima-se
Porto Alegre, 21-9-1940
Mons. Leopoldo Neis, Vig. Geral

Nada obsta 19-9-1940
Padre Alberto Frederico Etges

Rdº 1º Imprimatur
1940-177
Mons. J. A. Peres

P r e f á c i o

Mônica não é dessas almas extraordinárias cuja perfeição surpreende e desalenta a fraqueza humana, que com suas virtudes fogem à nossa imitação: filha dócil e humilde, espôsa fiel, mãe mui terna, viuva casta e resignada: eis a vida de Mônica, exemplo da mulher cristã.

O âmbito de sua existência é muito restrito: a família. Suas ocupações são as de toda mulher; nada fez que outra qualquer, ajudada por Deus, não possa fazer.

Geralmente, porém, não se conhece esta vida comum, íntima de Mônica e só se aprecia a vitória. Entretanto, no caso de Mônica, vida e vitória não se podem separar: pela sua vida é que ela triunfou. Vinte e cinco anos de luta dura e insistente: vinte e cinco anos de provações e de lágrimas são a vida de uma mãe que a vontade fez enérgica, inflexível, enquanto a ternura pelo filho a tornou doce, ponderada, paciente na espera.

Pois bem: esta vida, esta luta quotidiana do bem contra o mal, de uma mãe santa contra o filho obstinadamente transviado, tenciono narrá-la a vós, mães cristãs, a vós que, obrigadas como Mônica a experimentar muitas vezes a desilusão mais dolorosa nas esperanças mais santas concebidas a respeito de vossos filhos, mui frequentemente deveis assistir tremendo e chorando à perversão, à morte espiritual deles.

Vô-la narro para consolar-vos e mostrar-vos ao mesmo tempo quanto pode a coragem, a força divina posta por Deus em vosso coração.

Este século é um século de Agostinhos; muitos são os que o imitam no bem, porém, mais frequente é o caso e mais numerosa a legião dos que o seguem no mal e não sabem ressurgir com Ele.

E, não obstante a maior desventura que golpear possa o coração de uma mãe ver morrer os próprios filhos, não por um dia, mas por toda a eternidade, Deus não deixa inerte e impotente o seu amor materno. Escondido em vossas almas, oh, mães, há um poder, um entusiasmo, uma lágrima bastante fortes para salvar os vossos filhos, pois é sempre verdade que quando uma mãe quer eficazmente, pode salvar o seu filho: Santa Mônica é disso o exemplo.

O AUTOR

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

A I N F Â N C I A

A AFRICA

Terra encantadora, cheia de energias, forças adormecidas, de atrativos em contraste, de vegetação luxuriante e amena, de horizonte de um azul dulcíssimo, de céus luminosos, povoado de miríades de estrelas, a África era uma das mais belas regiões do mundo antigo.

O povo africano, que para nós é apenas uma perene mescla de raças instáveis e rudes, nos tempos passados teve glórias imorredouras: Amílcar, Aníbal, Jugurta rivalizaram em certa época com a glória das águias romanas, detendo o passo célere e vitorioso dos legionários.

Sujeita à fé cristã, a África ficou célebre na história da Igreja, a quem deu homens insignes pela doutrina e pela santidade: S. Cipriano e S. Agostinho, Tertuliano e Latâncio entre os padres; S. Perpétua,

S. Felicidade e S. Catarina entre as mais illustres virgens e mártires que empurpuraram de sangue aquella terra em testemunho de sua fé em Cristo.

O BERÇO

Tagaste, a cavaleiro de colinas argilosas surgindo de um planalto da Numídia, tem um aspeto de uma região montanhosa e mais que qualquer outra boscareja.

A leste e a oeste, onde se vê uma ampla extensão de bosques, torrentes irrigam de todos os lados o fundo dos vales e lhes fecundam os prados. Mais longe, em direção ao Meio Dia, a vegetação se faz mais rara e finalmente belas e profundas florestas fecham o horizonte com uma cortina de verdura: mais além está o mar.

Estamos no terceiro decênio do século IV.

A Igreja, livre finalmente por obra de Constantino, dos editos de perseguição, pode responder com atos e palavras aos insultos dos pagãos. Fecundada durante três séculos por dores e humilhações prepara então insignes personagens, que, com a santidade de vida e a multiplicidade de obras a propagariam e a defenderiam: são os Padres e os Doutores.

No ano de 331, quando o paganismo agonizava em meio de uma floração de homens santos e doutos, no seio de uma família profundamente cristã, surge

uma criança privilegiada, escolhida para ser a mãe do maior Doutor da Igreja.

Os primeiros vagidos anunciaram sua missão sobre a terra: sua vida devia ser cheia de dores: a oração e as lágrimas, o seu apostolado: com estas armas triunfará.

Ao nascer lhe foi dado o nome de Mônica (amiga só) nome que nenhuma santa tivera antes dela, e que ela tornaria célebre, santificando-o com uma vida verdadeiramente única, exornada de todas as virtudes, e predicados que formam o ideal mais sublime da mulher cristã.

DIGNOS PROGENITORES

Mônica veio à luz num ambiente profundamente cristão. Ignora-se o nome do pai; o nome da mãe, Facúndia, nos é dado por tradição.

Ambos cristãos piedosíssimos, conservavam intacta a fé apostólica.

É difícil estabelecer a posição que esta família ocupava na sociedade. Nobre e rica a princípio, pelas circunstâncias dos tempos agitados se viu reduzida a uma condição medíocre. Conservava em parte o primitivo esplendor, parentes, conhecimentos ilustres, relações importantes, mas não riqueza.

No começo do século IV Tagaste tinha aderido ao cisma de Donato; a família de Mônica, e poucas outras, resistiram, ficando fiéis à Igreja.

No meio dos revezes de fortuna e das lutas pela fé, os progenitores da Santa se esforçavam por fortalecer-lhe o ânimo, modelando-a desde logo nas virtudes mais sólidas, instalando em sua alma desprezo por tudo que não é eterno e gerando em seu coração aspirações e entusiasmo para as coisas do céu.

CENAS INFANTÍIS

Mônica, qual tenra plantinha cultivada com todo esmero pelos pais e por uma serva de casa da qual falaremos, cresceu, e bem depressa se viu rica de flores e de frutos.

Como um anjinho, simples e ardente, suspirava pela oração; espreitando o momento oportuno, fugindo à vigilância, ia sòzinha à igreja. Recolhida a um canto, com as mãos juntas, a cabeça modestamente inclinada, entretinha-se orando, em doce união com Deus, esquecendo-se — até a hora em que devia estar em casa. Repreendida, algumas vezes castigada pela ausência e pelo atraso, jamais se lamentou e nem por isso abandonou este piedoso costume.

Uma antigüíssima tradição nos conta que a menina, despertando, levantava-se e dizia as orações que tinha aprendido da mamãe.

Às vezes, brincando alegremente com as companheiras, fugia-lhes de repente e, escondendo-se no verde das árvores, orava ao Senhor.

Não sabemos o que dizia a Deus naqueles mo-

mentos, mas podemos imaginá-lo. O verde dos prados e das árvores, as flores, o canto dos pássaros, tudo naqueles momentos felizes fala de Deus, de suas grandezas. A alma inocente fala com o Senhor, sente-O e Ele que lhe dá tais aspirações, e que a envolve, corresponde, tornando a alma feliz.

O amor a Deus, o amor vivo e intenso é vida, é força que impele a agir e também em Mônica foi o principal motor. E Mônica no meio dos sonhos e das alegrias da infância, sabia também ver e compreender a dor, as misérias da humanidade; uma lágrima, uma desventura, um pobre a pedir esmola, tudo repercute e se reflete em seu coração inocente.

Os pobres! . . . eis um dos seus amores mais característicos. Privar-se na refeição de uma parte de seu alimento, escondê-lo, procurar e esperar na porta da casa um pobre a quem dar às escondidas, era uma de suas astúcias habituais.

Mônica, como toda a criança, gostava de brincar.

Pacífica e serena, estava sempre alegre; como suas companheiras gostava de pular e correr. Certamente no jogo não se deixava sempre vencer; às vezes, porém, terá experimentado o ressentimento e a humilhação da derrota. Detestava o mau humor e as disputas infantís, e tinha na voz, no gesto e na conduta tanta calma que a comunicava às companheiras.

AS PROIBIÇÕES

Moldada desde verdes anos na oração e na virtude, Mônica jamais desmentiu a primeira educação. Recordará sempre os ensinamentos da mãe e sobretudo falará com vivo reconhecimento de uma velha criada de casa, cristã fervorosíssima, da qual herdou a fé pura e ardente.

Esta serva, nascida certamente na casa de Mônica, criara o pai e agora lhe educava a filha.

Por sua grande e viva fé, era venerada como uma santa e os patrões tinham nela uma confiança ilimitada; nunca faltou ao menor de seus deveres; por isso lhe foi confiada a educação de Mônica.

Testemunha das últimas perseguições contra os cristãos, tinha visitado os confessores no cárcere e não raro viu os mártires derramarem o seu sangue em testemunho da fé.

Eram estas as recordações mais comoventes. Estas cenas que ela contava tinham-na tornado firme, severa, inflexível no que diz respeito à disciplina, e já se tinham tornado proverbiais as suas proibições. A cada desejo inútil, a cada falta se seguia uma proibição.

Fora das refeições nunca permitia à sua educanda, nem mesmo beber um pouco d'água, e isto na África, onde a sede se faz sentir imperiosamente, onde o calor e o clima especialmente no verão, são quase tropicais, era um verdadeiro tormento! Pois bem, podia

a criança sentir-se devorada pela sêde... Era proibido!...

Amestrada pela experiência, a educadora da santa bem sabia que sem paciência, força de alma, sobriedade, espírito de sacrifício não se é boa esposa, nem cristã, nem santa; e pensando na intemperança das mulheres pouco exemplares, dizia-lhe repetidas vezes: “Agora bebei água porque não tendes vinho a vossa disposição; mais tarde porém, quando estiverdes casada e tiverdes a chave da adega... deixareis a água e vos atirareis ao vinho”.

UMA NUVEM

À Mônica parecia um pouco estranha e fora de propósito esta admoestação; não teria querido acreditar na predição da boa criada, e no entanto pouco faltou para que se verificasse logo e justamente nela.

Menina séria e bem comportada, era enviada frequentemente à adega para buscar vinho. Ela, antes de entorná-lo no frasco, provava-o apenas não por gostar de vinho, que até lhe repugnava, mas por esse defeito comum nos jovens de achar boas as cousas proibidas. Cada dia bebia um golezinho a mais até que tomou gosto e certa vez chegou a beber quase um copo.

“Onde estava a serva, onde suas austeras proibições? Ausentes os pais e todos que cuidavam dela, somente Vós estáveis sempre presente, ó meu Deus!

Como soubestes curá-la? exclama S. Agostinho depois de nos haver narrado o fato!

Um prazer tão feio e oculto, ameaçava de se tornar hábito, mas Deus não o permitiu.

A criada que de costume descia à adega, com Mônica e era por isso testemunha de sua má ação, tinha notado nela tão feio vício e um dia, discutindo com a patroazinha, lançou-lhe em rosto com certo agrado sua falta, chamando-a com ofensivo desprezo beberona.

Exprobação mais cruel e humilhante não podia ferir a menina, que em vez de se ofender e castigar a criada, corou, reconheceu a baixeza de sua falta, condenou-a e se corrigiu para sempre.

ESPOSA E MÃE

AOS VINTE ANOS

A infância de Mônica passou como uma aurora que anuncia um dia mais belo.

Coubera-lhe em sorte um caráter excelente; rica de dons naturais e sobrenaturais, servida por uma inteligência penetrante, o próprio Agostinho mais tarde, sem sombra de vaidade, nos dirá que o intellecto da mãe era pouco menos que genial.

Caráter firme e decidido, era de coração muito sensível mas cheio de energia no amor e no agir. A fé, a piedade, amável modéstia, o amor a Deus e aos pobres, a estatura antes alta, a serenidade e natural encanto do rosto a tornava uma jovem admiranda e amável.

Mônica orçava então pelos vinte anos.

Apenas passara da adolescência à juventude, foi pedida em casamento.

Parecendo antes predestinada a seguir o exem-

plo das primeiras virgens cristãs, e numa vida de inocência e candura, foi dada como esposa a um homem que muito pouco se lhe assemelhava.

PATRÍCIO

Patrício é o nome do esposo de Mônica.

Fazendo parte da câmara municipal de Tagaste, gozava por isso mesmo de certa distinção; não sendo rico mas antes abastado: é fácil supor que vivesse com a família dos rendimentos de seus haveres.

Sair à caça, andar a cavalo ostentar à dignidade de decurião nos dias festivos, fiscalizar os escravos e os meeiros, fazer bons negócios no mercado eis as ocupações quotidianas de Patrício.

Agostinho nos conta que tinha um bom coração, mas sua vida era pouco exemplar. Pagão, indiferente pelas cousas de religião pela virtude ou pelo vício, era capaz assim das ações mais torpes como das mais louváveis. De índole rude e violenta, facilmente se zangava e se excedia nos acessos de sua cólera.

ESPOSA

Como explicar tal união? Donde veio que duas pessoas de gênio tão diferente, desencontradas na idade, chegaram a unir os seus destinos?

Patrício para ser esposo de Mônica devia ter conhecido a delicadeza, o respeito e o amor cristão:

cousas que fazem belo e santo o matrimônio cristão. Ele, ao envés era pagão, de princípios e inclinações contrárias e passava dos quarentas anos, enquanto Mônica só tinha vinte. Diferenças e contrastes estes, capazes de tornar infeliz a vida inteira de dois seres.

Mas, os pais de ambos não pensaram nisso; seguindo o costume daquele tempo, combinaram tudo entre si, e, parecendo-lhes isto conveniente e razoável, decidiram o matrimônio dos filhos.

Patrício anuiu indiferente; Mônica, pensando ser aquela a vontade de Deus, depois de muito orar, com grande fé e generosidade, fez o juramento perante o altar e ligou seu amor cristão ao amor pagão de Patrício.

Humanamente não se pode explicar tal união; mas a fé nos mostra que Deus, dirigindo os acontecimentos, dispoz que: “O homem infiel fosse santificado por meio de mulher fiel”.

O homem infiel e incrédulo é Patrício, a mulher fiel é Mônica, que com orações, lágrimas e com seu amor salvará o marido e santificará os filhos.

EM FAMÍLIA

Mônica desposou Patrício acreditando na mãe e fiando-se no critério do pai, em suma, sem conhecimento algum do consorte e da família, fez ao pé do altar, um ato de cega obediência aos pais: arrepende-se-á disso?

O Matrimônio, nas esperanças dos futuros cônjuges, a princípio é um sonho, mas, como no outono as folhas das árvores caem e são dispersas pelo vento assim se esvaem as ilusões, as miragens e os sonhos na realidade da vida quotidiana de um casamento mal combinado.

Entretanto em uma família em que reinavam superstição pagã e as paixões humanas, onde não só não entrava o raio da fé cristã, mas até a sua sombra era mantida à distância, Mônica achará na vida diária o martírio quotidiano.

Ainda era viva a sogra. Imperiosa, violenta e sobretudo ciumenta: era digna mãe de Patrício. Entretanto Mônica devia viver com ela!

As criadas da casa não eram melhores que a patroa.

Patrício ainda que ciumento da esposa, era sempre dominado por tristes e escandalosas fraquezas passionais, muitas vezes se gabava publicamente de seus desregramentos tanto que Agostinho elogiando mais tarde a mãe, dirá que ela tolerou “a infidelidade do esposo”.

Aflita e desgostosa, Mônica, procurava conforto em Deus.

Frequentemente por isso saía de casa só ou acompanhada de uma serva para assistir aos ofícios divinos e dar esmolas.

Na véspera das festas mais solenes, passava boa

parte da noite na basílica a rezar; todos os domingos ia a algum oratório dedicado a um mártir aí sepultado.

CALUNIADA

Assim como a virtude contraria o vício, é impossível dizer quanto desagradava a Patrício o carater e o modo de vida da esposa.

A princípio suportou, depois aborrecido quase se arrependeu de tê-la desposada e disso se lamentou abertamente. Suas orações o aborreciam; as esmolas lhe pareciam excessivas; achava exageradas as visitas que ela fazia aos pobres e aos doentes. Porque tanta compaixão pelos escravos? Porque sair tão assiduamente de casa? Não a compreendia.

Sabia que ela fazia todas aquelas visitas movida pela piedade, longe de procurar um pretexto para o ócio, para uma dissipação ilícita. Todavia, pois que tinha ouvido ditos malignos, e o modo de vida da mulher parecia não impedir suspeitas e tagarelices na família, preocupava-se com isso.

Demais, a mãe de Patrício, depois de falsas informações dadas por algumas criadas maldosas, tinha concebido para com ela os mais desfavoráveis sentimentos: isto aguçava de muito as suspeitas do filho.

Mônica compreendendo a calúnia, redobrava a submissão e humildade, e a força de doçura, de paciência e de terna solicitude, conseguiu acalmar a so-

gra e convencê-la da própria inocência. Esta se apressou em por a descoberto perante o filho a maldade das criadas e lhe pediu para fazer justiça.

Patrício cumpriu com o seu dever: e se a princípio por obediência à mãe, pela disciplina da família e a concórdia entre os seus, tolerando as acusadoras, lhes havia dado ouvidos, agora, como chefe de família, castigou-as às chibatadas ensinando-lhes a nunca mais mentir.

MÃE

No entanto Mônica com suas maneiras corteses, com modéstia e com silêncio humilde e discreto que usava quando Patrício chegava ao auge da cólera, revestiu-se a seus olhos de uma beleza que ele antes não tinha percebido; e por fim marcou em sua alma sulco indelével que mais tarde o conduziria à conversão.

Sofria entretanto, e no meio destas tristezas que podiam ser causa de desânimo e abandono, para ligá-lo muito mais a Patrício e alegrar a casa, Deus lhe concedeu ser mãe.

Ainda jovem, podia ter 23 anos, teve o primeiro filho, Agostinho, a cuja vida ligará estreitamente a sua.

Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354.

O segundo filho foi Navígio. Meigo e silencioso, passara a vida, quase sempre doentia, em fazer bem aos outros mais do que em se tratar.

Semelhante à mãe, crescera junto a ela e, enquanto Agostinho será o estouvado, a causa dos sofrimentos de Mônica, Navígio será para ela o terno e fiel consolador.

Sabemos por tradição que Mônica teve também uma filha, à qual pôs o nome de Perpétua, célebre pela gloriosa martir cartaginesa.

Esta filha, cresceu, casou-se, ficou viuva e sem filhos. Mais tarde residiu com Agostinho até sua ordenação sacerdotal. Retirando-se por fim a um convento de virgens onde foi eleita superiora, viveu deixando exemplos de virtude pouco comum.

EDUCAÇÃO DE AGOSTINHO

Se bem que Mônica cumulasse cada filho de desvelos os mais solícitos e tocantes, Agostinho teve carinhosa e especial preferência. Ele nos diz que a mãe depois de lhe haver dado a vida do corpo “o concebeu no seu coração para a vida eterna”.

Crescido em anos e tendo se desenvolvido nele os primeiros germes da razão, Mônica o instruiu nos principais mistérios da religião.

Mostrava-lhe sempre o céu, falava-lhe do amor de Deus, do berço em que nasceu o Salvador e da cruz em que expirou por nosso amor.

Esforçava-se por inspirar no menino desgosto pelo que é finito e perecível, o horror do mal, a aversão por tudo que degrada. Em suma: esforçava-se por

esculpir na alma do filho um caráter firme, de formar aquela consciência da qual Agostinho jamais se desfez, e que o seguirá sempre, ainda quando mergulhado no vício, e lhe fará exclamar: “fomos feitos para Ti, ó Senhor, e nosso coração não encontra paz enquanto não repousa em Ti”.

Este caráter, que a mãe formou em Agostinho, o atormentará sem trégua até o dia em que abrandado e vencido pela graça, tornará a pedir a paz e a alegria ao Deus de sua infância, ao Deus de sua mãe.

PRIMEIROS CUIDADOS

A primeira infância de Agostinho se passou entre os brincos ruidosos e os caprichos próprios da idade.

Podia ter oito anos, quando um mal repentino interrompeu o ritmo de sua vida. Foi atacado de uma doença de estômago imprevista e violenta. Acreditou-se que ia morrer. “Eu estava sufocado, exclamava ele, e todos desesperavam de minha vida”. Com todo o entusiasmo do coração, com fé ardente, ele mesmo pediu o batismo. A mãe, preocupada unicamente com a salvação eterna do filho, pediu-o à Igreja e procurava fazer-lhe administrar logo.

Tudo estava preparado, quando, contra toda expectativa, a dor cessou e pouco depois Agostinho estava completamente curado.

Aquela doença foi um aviso para Mônica e para

Agostinho; a cura pareceu um milagre: depois disto era preciso compreender o risco de morrer sem batismo. Ao envés, segundo o costume do tempo, este Sacramento foi transferido para idade avançada, e Agostinho retomou a vida anterior, ocupando-se com brinquedos, passeios ociosos e aprendendo os primeiros rudimentos da língua.

A ESCOLA

Mônica tremia pensando em pôr em contato com o mundo um filho ainda não batizado e de um caráter ardente como Agostinho; por isso decidiu que ele frequentasse a escola em Tagaste, sua cidade natal, afim de tê-lo sempre sob suas vistas.

Nada lhe faltava para ter bom êxito: talento, vivacidade, memória feliz, esplendorosa imaginação. Poderia sem se cansar fazer honra a si e aos mestres. Mas a paixão pelo brinquedo lhe absorvia completamente o pensamento, fazendo perder todo o tempo, e dando ocasião para merecer castigos que ele com razão muito temia.

A escola!... grande preocupação e penosa recordação para Agostinho. Ele já a frequentava antes da doença que quase o levou ao túmulo e agora voltava tristemente como um condenado que vai para o exílio. Em sua imaginação de criança a concebia como cárcere da infância.

Escola e açoite para Agostinho eram insepará-

veis e este último lhe amedrontava de tal forma que depois de ter sentido o ardor dos açoites e de ter em vão procurado conforto com a mãe e com as pessoas da família, sentia necessidade de se voltar para o Defensor dos fracos e dos oprimidos e com todo o entusiasmo e força do coração exclamava: — Oh! meu Deus, fazei que eu nunca mais apanhe na escola!

Mas Deus não atendia e ele ficava desolado com isso.

À aversão pelo estudo Agostinho juntava um orgulho que tendia a se desenvolver. Gostava de sobresair mesmo enganado; sob a capa da timidez escondia a ambição nascente: era o sangue de Patrício que lhe corria quente nas veias. Todavia filho de Mônica, temia a deshonra, a virtude lhe era simpática, e mostrava afeto por todos.

EM MADAURA

Patrício conhecia o filho que apesar da preguiça e negligência, podia sair-se bem e fazer uma carreira brilhante.

Orgulhoso, de tal filho achou que não podia descurar dele, e pelo contrário devia fazê-lo estudar seriamente: Agostinnho, feito retor ou advogado de fama, seria a honra e o apôio da família.

Assim também pensava a Mônica.

Com tais esperanças e miragens, embora os negócios não estivessem bons, Patrício se resignou a sa-

crificar pelo filho quase todas as rendas e de ~~comum~~ acordo com Mônica, decidiu mandá-lo à escola de Madaura.

Era um sacrifício para Patrício; uma separação dolorosa para Mônica. Ela mesma conduziu e deixou Agostinho em Madaura. Depois de aconselhá-lo longamente, pensando nos perigos a que estava sujeito, chorou, mas um pensamento a confortou. A distância que separava Madaura de Tagaste não era grande: podia se reunir a ele, falar-lhe, corrigi-lo.

Ela não imaginava que o vício e o mal dos quais o tinha preservado apenas vira os primeiros germes, transformariam o espírito do filho e produziriam tão profundas feridas.

A maioria da população de Madaura, gente aristocrática, era pagã e corrupta; muito frequentes os festins e as orgias em honra dos deuses; o ensino ministrado nas escolas era pagão; liam-se e comentavam-se poemas inconvenientes, lendas saturadas de imoralidade nas quais o vício ao vivo, era louvado e exaltado; a virtude espezinhada e ridicularizada, o leitor incitado aos más costumes.

Agostinho não se pode subtrair à influência malféfica de tantos elementos corruptos e nós o vemos nos primeiros anos de escola, longe da mãe, distanciar-se cada vez mais do cristianismo, entregar-se a prazeres ilícitos, chorar de emoção, de alegria ou de dor a propósito de páginas que manchavam sua inocência e que ele, renovando o gesto do apóstolo Pau-

lo em Êfeso, devia ter encinerado, ou pelo menos jogado para longe.

Madaura foi a ruína de Agostinho: ruína insensível no começo, mas desastrosa nos efeitos. A miudo o mundo atrai a si um jovem, conquista-o, abandonando-o depois com o remorso no coração, triste herança do pecado.

CONVERSÃO DE PATRÍCIO

Notou Mônica a transformação do filho? Podemos imaginá-lo. Mas ainda desta vez Deus lhe proporcionou um pequeno bálsamo para aquela primeira desilusão que experimentou com Agostinho, seja para abrandar-lhe a dor, seja para recompensar-lhe a vida exemplar: Patrício deu um primeiro passo para o cristianismo, inscrevendo-se no catecumenato católico.

Isso era uma vitória da doçura e da paciência de Mônica; em efeito do contacto contínuo com a esposa; ela falara pouco, amara muito e pedira sempre ao Senhor pelo marido, e agora Deus a premiava, permitindo que, enquanto Agostinho cristão, se distanciava cada vez mais da fé, Patrício, pagão, abjurasse o paganismo.

Ainda longe do ideal da perfeição cristã, começava agora a amar a virtude, a odiar o vício e o erro; este era o primeiro e mais importante passo para Deus, num homem tal como Patrício.

PRIMEIRAS LÁGRIMAS

Voltando a Tagaste, as escolas de Madaura não tinham mais nada a ensinar ao filho de Patrício, Agostinho não recebeu impressão salutar nenhuma do ambiente de família: a conversão do pai, a virtude aprimorada da mãe não o faziam refletir e nem lhe estimulavam bons propósitos. Achamo-lo ocioso aos 16 anos, com a mente cheia de pensamentos pecaminosos, a imaginação ardendo em fantasias ilícitas: descuidado de todo o dever espiritual em uma atitude de altivo desprezo, em face dos mais graves perigos ao encontro dos quais andava. Em vez de se recolher e transbordar todo o seu amor no único Amor, ele se desgarrava em uma multidão de afeições baixas; em vez de corrigir-se, escondia as faltas e enganava a mãe.

As informações lhe vieram de Patrício.

A boa mãe se desiludiu e compreendeu que o seu Agostinho não era mais como ela pensava; mas reconhecia nele o filho que tinha contraído por triste herança o patrimônio de Patrício. “Minha mãe, disse Agostinho, tinha aprimorado a piedade. E por isso sentiu-se perturbada por uma emoção toda cristã ao pensar nos perigos que lhe deviam ameaçar”. Emoção que a fez esquecer o brilho e o bom êxito e preferir-lhes a inocência e a virtude do filho. Não cessava por isso de admoestá-lo, e atraí-lo de novo com ideias salutares.

Que fruto colhia Agostinho dessas advertências? Nenhum.

O lazer em que vivia e a crise que lhe atormentava o espírito só podiam dar funestos resultados.

Agostinho se transformava num jovem sensual e libertino. Passava as noites nas ruas e nas praças, a se divertir, a vadiar diante de uma taça de refresco; cingia a fronte com uma grinalda de parras e punha cravas da Índia nas orelhas; era o verdadeiro tipo do jovem inexperiente que descuidado de tudo e de todos exclamava:

— Gozemos enquanto jovens, coroemo-nos!...

Levado pelo seu caráter e pelas suas paixões devia rebaixar-se até o último grau.

Mônica o repreendia e chorava: não achando palavras adequadas pedia a Deus que guardasse e salvasse a virtude de um filho que ela não sabia preservar do vício.

Orgulhoso também no mal Agostinho ouvia os conselhos da mãe como se fosse de uma pobre mulherzinha com que coraria de se mostrar dócil. Mais tarde, arrepender-se-á e com os olhos marejados de lágrimas, exclamará: “E tu calavas, oh! Deus!”

EM CARTAGO

Ocioso em Tagaste, sem maçadas nem preocupações Agostinho se achava a seu gosto. Por ora só pensava em se divertir a ponto de esquecer os sonhos e as esperanças do seu porvir.

O que é o futuro? O homem, pensava Agostinho, prepara o próprio destino, mas frequentes vezes este não está nas nossas mãos: são sonhos, são esperanças capazes de entusiasmar mas que no momento não se podem gozar. A juventude, ao contrário, era o presente, vivia-a e queria vivê-la despreocupadamente com todas as alegrias que oferece e necessariamente com todas as surpresas e ilusões, por vezes muito desagradáveis que nela se encontram.

Outros pensamentos nutriam Patrício e Mônica: o primeiro não pensava senão no êxito do filho; Mônica porém estava mais preocupada com o futuro espiritual, e ambos bem que com fins diversos pensavam em ocupá-lo em alguma coisa útil. Patrício especialmente se esforçou por juntar dinheiro necessário para completar os estudos do filho em Cartago. Mas por fim convenceu-se de que a sua bolsa de pequeno proprietário não era suficiente.

Completada a soma necessária com o auxílio de um nobre cidadão, Romaniano, a quem Agostinho ficará sempre especialmente grato determinou mandá-lo a Cartago.

Mônica pensando nos perigos, bem mais graves do que os de Madaura a mercê dos quais o filho ficaria numa cidade cosmopolita e muito corrupta, inquietava-se e a sua consciência de cristã não a impeliaria jamais para aquela resolução.

Patrício insistia na partida.

Foi preciso que Mônica se resignasse e no outono de 370, ao abrir-se o ano escolar, ela ainda uma vez

o conduziu sossegando com o pensamento que os grandes estudos desviariam o filho das paixões que então o perturbavam.

Pobre mãe, destinada a experimentar ainda uma vez a amargura da desilusão.

Agostinho ficaria só; sedente de verdade, de prazeres, com o coração cheio de esperanças e de desejos ardentes que se tornaria naquela grande cidade?

Chegando, ficou como que desvairado. Cartago surpreendeu e fascinou o escolar de Madaura.

E Agostinho por sua vez surpreendeu os cartagineses. Aplicou-se prontamente aos estudos, ocupando logo o primeiro lugar na escola; mestres e condiscípulos previram que bem depressa seria a glória do foro cartaginês.

QUEDA FATAL

Cartago que surpreendeu Agostinho e proveu às suas necessidades intelectuais foi a cidade que o prosperou moralmente e que crivou a sua alma de feridas mortais.

Só, sem guia, numa cidade em que o cristianismo era combatido pelo paganismo, que ainda dominava com espetáculos e ritos imorais, será vítima de seus desejos carnaís. Ele mesmo nos diz que não amava ainda, mas gostava de amar, amar e ser amado. Vasio de Deus o seu coração procurava um objeto.

Achou-o, amou-o e foi amado.

“Caí, diz ele, caí nos laços nos quais tanto desejava ficar preso. Amei e fui amado. Mas com quantas amarguras, oh! meu Deus, foi temperado aquele prazer pela vossa bondade!” Quem fosse a companheira de seu pecado que escravizou seu coração por uns 15 anos e que o acompanhou por toda a parte e enfim, convertida, o deixou com lágrimas nos olhos, nós o ignoramos: sabemos porém que era cristã.

Dessa união ilegítima Agostinho teve um filho a que pôs o nome de Adeodato.

Apesar de as cousas terem chegado a esse ponto quis ainda uma vez enganar e esconder à mãe o vínculo a que estava preso; não foi possível e viu-se contrangido a confessar-lhe o terrível segredo.

Aliás, sabemos que ainda no meio das festas e prazeres de Cartago, Agostinho não esquecia a finalidade de sua permanência naquela cidade. Bem sabia que os pais não o tinham mandado para que se divertisse ou estudasse como diletante, mas com muitas dificuldades e à custa de sacrifícios o mandaram e agora o sustentavam para completar os estudos.

Ele correspondia plenamente aos seus desejos tanto que se podia ufanar, e não sem uma ponta de verdade e também de vã glória de ter aprendido dos mestres tanto quanto naquele tempo se podia aprender.

MORTE DE PATRÍCIO

Já vimos como Patrício vencido pela virtude da esposa deu um primeiro passo para a religião e para a verdade, da qual se aproximava mas visivelmente.

Santo Agostinho afirma que a conversão do pai se obteve pelas orações e pelas lágrimas de Mônica. Por outro lado vimos como o fito da esposa era o sacrifício contínuo para sua conversão, como respondia com toda a paciência, doçura e amor à cólera e à indiferença dele.

Tudo isto tinha formado em volta de Patrício um ambiente no qual, o seu malgrado, respirava a fé mais pura. Quando a virtude e a verdade se encarnam em toda a beleza e poder divino, em uma criatura exercem uma fascinação tão forte e suave que a ela não se pode resistir, ou se foge ou se cede.

Patrício, para sua felicidade, não fugiu: as suas paixões foram mais fracas que a virtude da mulher por isso cedeu: embora não notasse tão profunda transformação, sua conduta se aperfeiçoava dia a dia.

Chegou assim até mais ou menos 60 anos de idade, precisamente no ano de 371.

Sentindo-se gravemente enfermo e vendo aproximar-se o fim de seus dias, pediu o batismo com o amor, próprio dos que se transviaram e se emendaram.

Pouco tempo depois de havê-lo recebido, morreu, assistido por aquele anjo de mulher que Deus lhe

tinha dado para ser o instrumento de sua salvação eterna.

Foi esta uma das alegrias mais puras que o Senhor enviou a Mônica a fortalecer-lhe o ânimo para uma luta mais longa, mais forte e para mostrar-lhe a coroa de uma vitória mais gloriosa que ela obteria com a constância e a fé inabalável de quem é sustentado pela mão poderosa do Altíssimo.

VIUVA EXEMPLAR

SOZINHA

Neste ponto da existência, Mônica se mostrou cheia de bom senso e de firme virtude, mas o seu espírito sentia ainda o vácuo que nos deixam as pessoas.

Um vínculo ainda a prendia demais às criaturas e isso a impedia de voar: Deus o quebra e ela ficou livre para subir ao pináculo da perfeição. Morto o consorte, profundamente sentida, resignou-se com grande dificuldade: agora que Patrício professava a mesma fé, poderia viver com ela numa harmonia mais completa de ideias e de ações. Desejaria vê-lo a seu lado, viver com ele os últimos dias, na paz e na tranquilidade doméstica.

Ao invés, Deus desfaz os seus planos: foi forçoso se resignar.

Por outro lado pensando na fragilidade humana e particularmente de Patrício, na possibilidade de recair nos erros e nos vícios, compreendeu a misericórdia divina e de coração agradecia ao Senhor pela morte cristã do esposo.

Este falecimento para Mônica foi uma graça de Deus que ela aproveitou. De fato o seu amor tomou um impulso maior; suas aspirações não achando mais impecilhos puderam elevar-se sublimes e dentro em pouco alcançou uma santidade eminente. O filho em suas "Confissões" nos diz que à austeridade habitual da vida interior, Mônica havia juntado um singular fervor de fé: obediência à Igreja, assídua aos ofícios divinos da basílica, que frequentava duas vezes ao dia, pontual nas horas de orações e de prédica era um exemplo para as cristãs de Tagaste.

Possuía fé muito viva na Providência: entregou-se-lhe a si própria como também os negócios de família para dedicar-se quase exclusivamente a reconduzir ao seio da Igreja o transviado Agostinho.

PREOCUPAÇÕES E DIFICULDADES

Agostinho já estava há algum tempo em Cartago para estudar quando soube da morte do pai.

A cousa era tão grave e ele ficou um tanto perturbado, pois assim lhe seria mais difícil continuar os estudos.

Parece, no entanto, que aquele luto na família não lhe ocasionou grande dor: chocado e mesmo um tanto sensibilizado a princípio, alegrou-se depois com a morte cristã do pai. Nunca o amara de coração; mais que qualquer outra cousa ele havia temido, e agora um pensamento que ele deveria ter banido, pois lhe

parecia nascido do abuso do infurtúnio, o assaltava com alguma insistência: o pai estava morto; desaparecería assim um freio para sua conduta, ele poderia gozar mais ampla liberdade.

Resignou-se à desventura e bem depressa com ela se regozijou.

Absorvido e preocupado com os estudos deixará no esquecimento a memória daquele que com tantos sacrifícios lhe tinha proporcionado meios de empreender e continuar os estudos.

O estudante de Cartago obtivera entretanto um brilhante êxito, superava a expectativa dos pais, e por ter plenamente correspondido ao desejo deles, julgava-se dispensado da obrigação do reconhecimento.

Estudava e explicava aos condiscípulos, os livros dos maiores filósofos, matemáticos, e músicos. De estatura mediana, de temperamento delicado e nervoso, podia-se predizer que Agostinho teria a visão límpida e o vôo altíssimo da águia: nenhuma luz o deslumbraria, nenhum cimo o haveria de atemorizar. Sentia com energia o estímulo das honras e estava decidido a procurá-las.

Mônica conhecia profundamente o filho, seus dotes não a ensoberbeceram, mas fizeram-na consciente de mais altos deveres, de maiores responsabilidades.

Cheia de temores e quase horrorizada, seguia passo a passo os progressos do filho na ciência; conhecia seus desregramentos morais, a sua convicção era forte de que a ciência, sòmente a ciência, recon-

duziria tal espírito a Deus. Por isso, chegada a ocasião de decidir se mandaria chamar o filho ou se o faria prosseguir nos estudos, decidiu impôr-se os maiores sacrifícios para continuar a mantê-lo em Cartago.

Era pequeno o patrimônio deixado pelo marido. Como poderia ela viver com os outros filhos e sustear a pensão para Agostinho?

Romaniano veio mais uma vez em socorro das angústias, e ansiedades de Mônica. Rico e afeiçoado a Agostinho, compreendeu-lhe o gênio e protegeu-o, oferecendo dinheiro à mãe com sua delicadeza.

Agostinho se comoveu com tanta generosidade e em seus escritos desabafa o reconhecimento para com o protetor. Mônica, de sua parte, não menos reconhecida que o filho, querendo mostrar sua gratidão por obras, fazia quase as vezes de mãe para Licêncio, filho de Romaniano que era viuvo. Mais tarde veremos Agostinho em Milão em companhia de Licêncio.

O MANIQUEU

Achamos a miúdo na vida do estudante de Cartago trechos maravilhosos: mergulhado no vício, libejado, cheio de si mesmo, todavia ele experimenta como nosso coração não acha paz, senão quando repousa em Deus e na verdade que só dele pode vir.

A leitura de um livro de Cícero Hortênsio, o abalou profundamente e, desde o princípio, julgou

ter achado o que buscava. Seu engenho agudo compreendia, e com toda a profundidade, que “a alma quanto menos transviada e contaminada pelos erros e pelas paixões humanas, tanto mais lhe será facil elevar-se ao céu”.

Libertar-se de tudo que na natureza está viciado, dedicar toda a vida à sabedoria, tender com todas as forças à contemplação da divindade seria aqui na terra viver vida mais divina do que humana. Era um ideal mui nobre; tantos filósofos pagãos o tentaram, Agostinho mesmo se sentia fascinado por ele, mas quem lhe dará asas de pomba para poder levantar tão sublime vôo?

Só o cristianismo!

Os antigos, desorientados, tinham abandonado o ideal. O cristianismo pelo contrário realizara-o e mostrara ao mundo o exemplo do verdadeiro filósofo, o “Santo”.

Também para Agostinho a ilusão foi breve e o entusiasmo se arrefeceu, pois como ele mesmo nos diz, no livro do ilustre orador de Arpino, Cristo, o ideal de toda a perfeição, nem sequer era nomeado.

Compreendendo as falhas da filosofia pagã, voltou-se novamente por pouco tempo ao cristianismo, dedicando-se à leitura da Bíblia.

O estilo chão e simples o surpreendeu, a moral não era segundo as suas aspirações e depressa virou as costas também à Bíblia, procurando em outro lugar uma verdade que satisfizesse aos próprios desejos e ao mesmo tempo desculpasse as suas desordens.

Irriquieto e sequioso, procurou a verdade em todas as igrejas e em todas as seitas em que se pode achar o nome de Cristo, porém não a sua cruz; a verdade que ilumina, com os raios do Evangelho, mas sem exigir-lhe os sacrifícios; assim entrou na seita dos Maniqueus, herejes, carnaís, orgulhosos e paro-leiros. Em todos os seus discursos ocorriam os nomes adoráveis de Jesus e do Espírito Santo, mas em lugar deles não havia em realidade senão palavras vãs.

Mergulhados na mentira e nos erros mais grosseiros a respeito de Deus e da natureza do bem e do mal, andavam gritando aos quatro ventos: Verdade, verdade! como se dela, tivessem o monopólio e dela fossem os depositários.

A verdade ! grande cousa! e Agostinho que justamente a procurava com todo o ardor de sua inteligência, correu às cátedras daqueles palradores para aprender a verdade infalível por eles tão clamorosamente pregada.

Mas naquela escola, que conciliava as tendências religiosas com seus desregramentos, tornou-se malicioso e sob todos os aspectos pior que antes.

SEVERIDADE ADMIRÁVEL

Seduzido por estas astutas raposas, Agostinho caiu na cilada da sua turva doutrina, tecida de fábulas grosseiras e absurdas. Renunciou à fé de sua infância, inscrevendo-se na seita como “ouvinte” e

aí permaneceu durante 9 anos, induzindo muitos espíritos no mesmo erro: Romaniano e Alípio foram as primeiras vítimas de seu satânico apostolado.

Mônica teve disso conhecimento pois alguém se lamentou. Ela acompanhou sempre com olhar vigilante o espírito irrequieto do filho; conhecia os seus desregramentos, mas nunca suspeitara que chegasse ao ponto de renegar a fé.

A seu malgrado, devia convencer-se. As repetidas referências à obstinação e ao zelo realmente descabido do filho, que lhe faziam as desoladas famílias de Romaniano e de Alípio, acabaram por convencê-la.

Como descrever a dor e as lágrimas da Santa? E um sofrimento de natureza especial, que os que não amam a Deus como Mônica e não lhe experimentaram a amargura, não sabem nem de longe imaginar.

Agostinho mesmo, que foi a causa de tudo, convertido e já bispo, tentou descrever, mas não achou palavras e nem comparações: ela estava petrificada e chorava mais amargamente a morte espiritual do filho do que choraria a morte corporal.

Mas não se contentou de chorar; sentia-se ainda corajosa e forte; mantinha ainda quase intactas para a grande luta as forças que Deus dera e sempre dá a todas as mães para a salvação dos filhos.

Agostinho, ao se fazer apóstolo dos maniqueus,

estava em Cartago estudando. Chegado o tempo das férias, obstinado apóstata voltou a Tagaste.

A mãe o esperava. O acolhimento que estava preparando ao filho, não lhe devia de certo agradecer.

Em família, Mônica quis assegurar-se de sua fé e das tristes relações com a infeliz mulher a quem já nos referimos. Melindrado, o jovem mestre apenas saído das escolas de Cartago respondeu com firmeza e desdenhosa altivez de hereje, glorificando-se de ser maniqueu.

Mônica pediu, suplicou, renunciasse à heresia, impos-lhe romper com as ligações ilícitas. Agostinho, irritado talvez pelas repreensões e obstinado no mal respondeu-lhe com sarcasmo. Era o cúmulo. Atingida na fé e na ternura maternal, horrorizada, levantou-se indignada; com gesto imperioso e terrível, único talvez na história dos santos, expulsou-o de casa.

VISÃO PROFÉTICA

Mudar de vida ou mudar de casa . . .

Era um claro e triste dilema para Agostinho: ele não o imaginara nos lábios da mãe. Contudo para tal intimação não havia réplica. Demasiado preso aos hábitos preferiu o exílio à casa materna; inclinou-se e se retirou para a casa do seu protetor e correligionário Romaniano.

O caso era grave e foi certamente motivo de grande escândalo para a cidade de Tagaste; o próprio Ro-

maniano sem dúvida sentiu a vergonha corar-lhe o rosto ao dar hospedagem ao erante amigo.

Parece que não impressionou muito a Agostinho haver preferido o exílio: havia evidentemente motivos para tal; aliás a soberba e a ciência o tinham tornado vaidoso e irrefletido. Bem depressa se adaptou ao novo gênero de vida, na qual o seu orgulho encontrou satisfação e alegria, tornadas mais intensas pela hospitalidade generosa do protetor.

Não se deu o mesmo com Mônica.

Profundamente ferida no seu coração caiu desmaiada e enquanto estava sem sentidos, um anjo veio consolá-la.

“Parecia-lhe, escreve Agostinho, estar diretamente sobre um madeiro e veio-lhe ao encontro um jovem radiante, alegre e sorridente, enquanto ela estava imersa em profunda tristeza. Indagou-lhe a causa de tanta dor e do contínuo pranto. Respondeu que chorava a perda do filho. O jovem então mandou que ficasse em paz e reparasse como Agostinho estava no mesmo lugar que ela: olhou e viu o filho no mesmo madeiro junto dela”.

Consolou-se um pouco com isso. Refletindo depois no modo com que afastara o filho, se arrependeu: sua alma lhe dizia claramente que a casa de Romaniano não era boa para ele, que ela comparava ao filho pródigo da parábola. Pensou que devia chamá-lo de novo para não arriscar a perda total.

Chamou e ele veio. Angustiada lhe contou a visão, esperando do filho uma palavra de arrependi-

mento. Este com sofismas e com facécias empenhou-se em tirar-lhe a esperança e respondeu:

— “Pois que, segundo o teu sonho, devemos ficar ambos no mesmo lugar, isto quer dizer que deves ficar maniquêa!”

— Não respondeu Mônica, não me foi dito que onde estiveres aí estarei, mas estarás onde estou.

NÃO PODE PERECER!...

Mônica não se resignou tão depressa com a derrota, procurará a todo custo recuperar o perdido e enfim será vitoriosa.

Vendo a ineficácia dos próprios esforços, pediu a um douto e venerando bispo de seu conhecimento para ter um colóquio com o filho.

Já se conhecia então Agostinho pelo que era, isto é, um gênio: ninguém ousaria disputar com ele.

Mais que pelos livros, este bispo tinha um conhecimento profundo das almas; prudentemente respondeu à mãe que tudo seria inútil por ora: a presunção e a vaidade do sectário o tornavam indocil demais a todo são arrazoado.

Que se tranquilizasse, pois a aguda inteligência do filho não perseveraria por muito tempo numa mescla de erros tão grosseiros; ele também havia sido maniqueu, mas na madureza, vendo como era detestável aquela heresia, abandonou-a e voltou para a verdadeira Igreja. E concluindo dizia:

— Assim acontecerá a vosso filho: verá por si como é vã essa heresia.

Mônica compreendia a verdade desse arrazoado: a resposta que obteve do filho no último colóquio era uma prova disso; mas qualquer atraso podia ser funesto e a conclusão que devia tirar não a agradava.

Não ficou satisfeita e com muitas lágrimas supplicou que falasse ao filho.

O bispo, enternecido e talvez importunado com a insistência da boa senhora, querendo despedí-la e contentá-la ao mesmo tempo, olhando-a e vendo-a chorar amargamente, comovido no mais íntimo de seu coração, exclamou:

— Ide. Não se pode perder o filho de tantas lágrimas! . . .

Filius lacrimarum! Era a voz de Deus que lhe chegava pela boca daquele bispo: com isso Mônica se consolou.

AO ENCALÇO DO FILHO

NOVAMENTE EM CARTAGO

Passou-se algum tempo; Agostinho na casa de Romaniano tinha tudo que desejava e vivia feliz.

A morte repentina de um amigo dileto perturbou-lhe a felicidade e o amargurou a ponto de parecer que devia morrer. Aquela vida leviana se lhe tornou insuportável.

Aconselhado por amigos a deixar Tagaste, muito cheio de recordações do amigo, e a voltar a Cartago não tardou em aceitar-lhes a sugestão.

A mãe, sem dúvida, tratou de por obstáculos a essa resolução. Tudo foi inútil: Agostinho procurou explicar-lhe que era necessário mudar de ambiente, que em Tagaste não podia mais viver e que além disso, tinha já atingido a maioridade: era livre e partiu.

Devemos porém dizer que a estadia na metrópole africana não o satisfez; Agostinho não estava satisfeito de receber tão pouca remuneração pela sua palavra. Demais, a irreverência dos estudantes cartagineses era mais que gracejo e ele se aborrecia com

isso. O desejo de paga mais generosa, de esplêndidas honrarias decidiram-no a deixar Cartago para tentar fortuna em Roma.

Escreveu à mãe contando-lhe sua decisão.

Mônica ficou alarmada e cheia de dor.

Pelos fins do século IV, Roma podia ser tudo menos cristã! Nela o paganismo se refugiara e achara o baluarte mais poderoso; numerososíssimos os teatros imorais, as dansas pecaminosas, as vigílias, os festins... era a fonte do maus costumes.

Em suma: Roma se apresentava ao espírito de Mônica como a Babilônia daquele tempo. Quantos perigos encontraria lá o seu Agostinho! Ele era o seu amor na terra, queria tê-lo perto para reconduzê-lo à fé e Roma lho roubava para fazê-lo pagão!

Por estes pensamentos que vinham à mente decidiu que Agostinho ou não partiria ou que ela iria com ele.

DESILUSÃO

Procurou-o, jogou-se ao seu pescoço e lhe suplicou que não partisse.

Agostinho já tinha determinado o dia da partida e, vendo a mãe acabrunhada e lacrimosa, lutou por muito tempo contra o próprio afeto; o amor que sentia ainda pela mãe era forte, estava prestes a ceder; quase lhe prometeu não partir. Mas por fim, usando de astúcia e sufocando o amor que o atormen-

tava, mentiu ainda uma vez à mãe, para iludir a vigi-
lância e partir. Mônica percebeu e por isso não o dei-
xava um instante. Agostinho ficou perturbado, po-
rém, não ousou dizer-lhe claramente que queria ir
só; a noite lhe veio em socorro.

A embarcação que devia levar o fugitivo para
a Itália, esperando vento propício, não dava sinal
de saída. O sol há pouco se tinha posto. As primeiras
sombras da noite começavam a cobrir a terra e a
obscurecer o horizonte.

Mônica, fatigada da viagem e das emoções,
mostrava grande esgotamento. Agostinho, vendo-a
assim astuciosamente aconselhou-a a descansar em
uma capelazinha dedicada à memória de São Cipria-
no, próxima da praia. Ela, depois de muito hesitar,
depois de ter renovado as recomendações consentiu,
levada nisto também pela grande devoção e por uma
fé ilimitada no ilustre martir cartaginês. Chegando
à capela desafogou o coração, orando longamente,
até que exausta, sentindo falharem as forças, ador-
meceu.

Enquanto ela dormia, Agostinho oprimido por
negros pensamentos entrou na embarcação. Ao ama-
nhecer soprou o vento, enfunaram-se as velas, e a em-
barcação distanciou da praia, conduzindo para terras
desconhecidas “o filho de tantas lágrimas”.

O infeliz Agostinho não estava tranquilo e a cal-
ma do mar contrastou com a borrasca que dominava
o seu espírito e com a excitação febricitante que lhe

convulcionava o ser. Sentado na pôpa do navio, com o olhar fixo na capela onde deixara a mãe ajoelhada, viu desaparecer as fronteiras da pátria; daquela pátria a que voltaria, conduzido pelas lágrimas e pelo amor da mãe.

O primeiro pensamento de Mônica, apenas despertada, foi rever o filho.

Saindo da capela encontrou a praia deserta; o navio há tempo levantara ferro e partira; Mônica não tardou em compreender que Agostinho embarcara. A dor vivíssima a deixou como louca; errou pela praia chorando alto, exprobando a falsidade do filho; e aí, com gesto desesperado, fixando o olhar no azul do mar, queria descobri-lo e juntar-se a ele, mas em vão.

Cansada de chorar e privada de forças, não achando meio algum para seguí-lo logo, voltou a Tagaste para preparar-se e ir-lhe ao encontro o mais depressa possível.

ESTADIA EM MILÃO

Chegando a Roma, Agostinho achou hospitalidade na casa de um maniqueu.

Depois de uma doença, que pos em perigo sua existência, abriu uma escola, mas após um ano de residência na sede do Império, abandonou-a para transportar-se a Milão, onde obtivera uma cátedra de retórica.

O fato não nos surpreende: como Cartago assim também em Roma o provinciano núpida experimentou as desilusões das grandes metrópoles. Se os estudantes cartagineses eram indisciplinados, os de Roma eram velhacos: seguiam as lições do mestre, mas chegado o momento de pagá-lo, o abandonavam.

Agostinho não se acomodou nem com uns e nem com outros: por isso voluntariamente abandonou Roma, onde a sorte e a paga eram incertas, para se transportar a Milão, estimulado pela miragem de um estipêndio amplo e seguro que o governo daquela cidade lhe oferecia. De fato, Simaco, o prefeito da cidade de Roma, a quem haviam pedido um retor para Milão, residência habitual da corte imperial, tendo ouvido falar no jovem africano, chamou-o e ouvindo-o discorrer, lhe ofereceu aquele cargo.

Em Milão fez fortuna: a sua foi verdadeiramente “uma carreira brilhante”.

Seguiu-o uma legião numerosa de amigos e de estudantes africanos, atraídos, como acontece em circunstâncias semelhantes ainda em nossos dias, pela fortuna e pela proteção que lhes podia advir de um amigo e compatriota tão considerado.

Agostinho, instalando-se melhor, apenas lhe foi possível chamou a desventurada mulher que por ele esquecera Deus e por quem ele abandonara o mesmo Deus. Esta veio e trouxe o filho de seu pecado, Adeodato, já grandinho.

Não estavam ainda as cousas arrançadas, eis

que na desordem da mudança, surgiu Mônica com Navígio, irmão de Agostinho.

A vinda da mãe o desconcertou: nunca pensava que ela fosse ao encalço.

Embarcando, como é provável, no porto onde chorara a partida do filho, pedira a Deus a graça de revê-lo, consolá-lo e convertê-lo.

Desta vez o Senhor devia atendê-la nos desejos e nas súplicas, para premiá-la pela constância, pela obstinação quase de todos os sacrifícios que o coração lhe tinha sugerido e que o amor materno havia feito suportar.

Durante a viagem, uma tempestade epanhou o navio. O vento e as ondas ameaçavam: o perigo era sério. Marinheiros e passageiros, cheios de terror não escondiam a angústia e o desânimo: a desesperança de salvação se tinha apoderado de todos.

Mônica só não tremia: embora esgotada pela fadiga da viagem, permanecia de pé no navio e com profética clarividência confortava todos dizendo: “Chegaremos ao porto sãos e salvos”.

Como pensaria em morrer sem reconduzir o filho à fé? Tinha uma visão clara da missão que lhe competia. Deus, que lhe dava tal inspiração, não podia iludí-la. Com efeito, acalmados os ventos, clareado o tempo, não custaram a ver as costas da Itália.

Desembarcando, como é provável, em Hóstia, voou para Roma e daí para Milão, onde encontrou o seu Agostinho.

Este não tinha chegado ainda à verdade, mas

já em Roma tinha compreendido a vacuidade do maniqueísmo. Depois em Milão, ouvindo a palavra de Ambrósio, saiu completamente dos erros dos maniqueus sem porém entrar na Igreja Católica. Antes de entrar na verdade importa despojar-se dos preconceitos e dos erros; Agostinho o havia feito: era o primeiro passo.

A notícia desta transformação foi a primeira que Mônica teve ao chegar. Por isso ela ficou algum tanto consolada mas a nova não a satisfez completamente: ela pedia mais do que isso ao Senhor e disse ao filho que antes de morrer queria vê-lo fervoroso católico.

SANTO AMBRÓSIO

Um dos mais decisivos agentes da conversão de Agostinho, depois de Mônica, foi S. Ambrósio.

Nobre de nascimento, tinha passado a juventude no meio de estudos e trabalhos. Governou, com título de cônsul, as províncias de Emília e de Ligúria. Chegando a Milão para acalmar a exaltação de dois partidos formados para a eleição do Bispo, a eloquência com que falava ao povo para mantê-lo em paz e a fama da honestidade de sua vida, lhe atraíram o olhar dos milaneses.

Enquanto cada vez mais fervia a disputa sobre quem devia ser eleito, uma voz infantil e argentina se eleva e se faz ouvir por todos: Ambrósio, bispo!

Era simples catecúmeno; foi logo batizado e depois de 8 dias apenas, ordenado sacerdote e depois bispo. Ele mesmo confessou que devia “ensinar antes de ter aprendido” e em verdade nos surpreende o fato que em tão pouco tempo tenha podido aprender ainda que só as cousas essenciais a um bispo.

Renunciando nominalmente à carreira civil a manterá sempre de fato e da cátedra episcopal, apresentará a mais alta e autorizada personalidade do país.

Por toda a parte — pacificava, abrandava os pecadores, resistia aos herejes, e triunfava nas discussões com os pagãos; chegou até a fechar as portas da catedral ao imperador Teodósio manchado do sangue dos cidadãos de Tessalônica, que ele tinha feito massacrar por ocasião de uma revolta.

AGOSTINHO E AMBRÓSIO

Agostinho fez logo que chegou a Milão uma visita a Ambrósio. Foi apenas uma visita de conveniência e nada mais: as crenças e a religião não tiveram importância neste caso. Mas desde então Agostinho se afeiçoou a ele: a gentileza e a benevolência com que foi acolhido o conquistaram.

A palavra forte e eloquente de Ambrósio atraía o povo e um público numerosíssimo sedento de verdade e de luz, enchia a catedral.

Agostinho também foi. Enlevou-se a princípio

pela forma da palavra: não cuidava da substância, desdenhando-a mesmo; nada lhe importava mais do que a arte de falar; entregou-se depois com infinito prazer àquela palavra doce, elegante sublime que como afiada espada lhe penetrou no âmago do coração sem que ele temesse, pois a julgava incapaz de produzir uma transformação na sua conduta.

MÔNICA E AMBRÓSIO

Chegada a Milão, o primeiro pensamento de Mônica, depois de Agostinho, foi de visitar o bispo do lugar. Este era para ela, o apóstolo destinado pela providência a reconduzir o filho ao bom caminho.

Procurou-o. Para nós é uma cena indescritível. Ambrósio recebeu a mãe do retor visivelmente comovido; ouviu-a contar a vida, o motivo da visita e não se cansava de admirar aquela mãe que trazia na fisionomia sinais das lágrimas derramadas pelo filho. Como para nós, para ele aquela mãe era um exemplo sublime de amor materno.

Recebeu uma impressão indelével. Todas as vezes que se encontrava com Agostinho e lhe falava, era para elogiar a piedade da mãe. Agostinho o sabia e por isso começou a se enfadar; esperava ao menos algumas vezes, lhe falasse de sua carreira, lhe referisse o que se dizia dele, aquilo que ele pensava a respeito; em suma, esperava do bispo uma palavra de

homenagem; nunca a teve: a glória com a sombra, lhe fugia.

Mônica, por seu lado, cheia de delicada gratidão não cessava de agradecer a Ambrósio pelo bem já feito ao filho através de sua palavra eloquente, de pedir-lhe a opinião, de confiar-lhe as próprias dúvidas e pressentimentos. Procurou ainda fazer mais frequentes os colóquios do filho com o bispo; iam juntos visitá-lo, às vezes o mandava com fúteis pretextos, estreitando assim as relações entre o bispo e o filho e fazendo-os cada vez mais íntimo.

Frequentava assiduamente os sermões de Ambrósio na catedral e tirava frutos maravilhosos de suas palavras. Sob sua direção tornava-se dia a dia mais humilde e recolhida e foi nesse tempo que sua alma acabou de amadurecer para o céu: antes caminhava com grande fervor no caminho da santidade, mas agora corria, se não voava. Já não era a viuva de Patrício, e sim Mônica, a santa.

O OBSTÁCULO

Nas prédicas de Ambrósio, Agostinho começou a apreciar a religião cristã; acabaram por cair os falsos preconceitos a seu respeito e ele se sentia atraído; não obstante, levado ora de um lado, ora de outro, não se resolvia nunca a abraçá-la.

Em luta encarniçada contra si mesmo, compreendia a importância daquela resolução; não se tra-

tava de escolher entre o catolicismo ou o maniqueísmo, entre um filósofo ou outro, mas de decidir entre uma existência mundana e o mundo divino; entre a vida e a morte; a escolha dependia de sua vontade.

Via o melhor, chorava e se retirava: era ainda fraco, incapaz de vencer-se a si mesmo.

Por que?

Por que as paixões o dominavam. Agostinho não era puro e como sabemos há cerca de 15 anos estava preso a um amor pecaminoso; sua vontade por isso não era livre; para sê-lo, devia vencer as paixões, as velhas amigas que patroneavam em sua casa.

Mônica compreendeu o estado de espírito do filho, intensificou as orações e os conselhos. Mas enfim pensou que precisava agir energeticamente e afastar a mulher que era o obstáculo para a conversão de Agostinho; ela era a cadeia que o prendia à culpa: precisava libertar o filho, quebrando os laços.

Convencida de que exatamente isto era o seu dever, não teve paz senão quando viu desmanchada aquela união culposa.

Agostinho por fim, depois de muita insistência, e para remover a causa do aborrecimento da mãe, se desfez da ligação. Foi um verdadeiro drama, causou-lhe sofrimento indizível, é natural, mas ambos fizeram o sacrifício com generosidade.

A CONVERSÃO

Agostinho agora se humilhara, afastara o obstáculo à sua conversão e poderia tornar-se logo cristão, mas lhe faltava coragem para vencer as paixões.

Esforçava-se por superá-las, mas sentia-se sumamente desanimado. Um pensamento o assaltava: ainda que começasse a cortar todas as relações, não resistiria, não perseveraria.

A notícia da conversão de Vitorino e a biografia de S. Antônio causaram-lhe grande impressão e fizeram abrir os olhos ao hesitante, ao desalentado Agostinho.

Tais narrações o perturbaram. Transtornado por uma multidão de pensamentos, envergonhado, levantou-se de repente, pegou pelo braço o amigo Alípio e olhando-o de frente, em tom ardente e arrebatado exclamou:

— “Que fazemos? Não percebes? Surgem ignorantes e nos roubam o céu, e nós, com toda a nossa ciência, nos revolvemos no sangue e na carne!”

Alípio o olha estupefato, não o compreende. Agostinho, sem esperar resposta, desce para o horto: sente necessidade de estar só, de chorar, de acalmar suas paixões internas.

Alípio o segue a distância e para longe do amigo.

Agostinho em luta consigo mesmo, se joga no chão em baixo de uma figueira e aí começa a agonia do homem velho. Chorava amargamente e entre solu-

ços, sob a pressão da graça, exclamava: “Até quando, Senhor, até quando ficarás irado contra mim?”

Seus pecados porém, muito caros não o deixavam: voltando-se para eles com gesto desesperado insistia: “Até quando, até quando? Talvez amanhã? por que não agora? Por que não acabar de súbito, já e para sempre com as minhas torpezas?”

Enquanto chorava e lutava com a própria fraqueza, da casa vizinha uma voz infantil chegou a ele e lhe repetiu:

— Toma e lê, toma e lê.

Impressionado, parou um instante a luta, tentando descobrir o que poderia ser: uma cantiga, um jogo de meninos? . . .

Ainda não tinha ouvido semelhante cousa.

Compreende: a ordem vem do céu. Pára de chorar, corre para Alípio, pega as epístolas de S. Paulo, abre-as ao acaso e, com os olhos ainda marejados de lágrimas, lê as palavras do Apóstolo: “Não vivais na crápula, e na embriaguez, na torpeza e na impudícia . . . Mas revestí-vos de N. S. Jesus Cristo e não corrais atrás das exigências dos sentidos”.

Não leu mais nada. Aquele versículo tão providencialmente apropriado para ele lhe foi suficiente. A luta interna parou, e agora, mudado, uma grande paz lhe inundava a alma: tinha vencido! . . .

Narrou a Alípio o que experimentara e ambos correm para Mônica para lhe anunciar a boa nova. Agostinho e jogou nos seus braços; mãe e filho se apertaram num abraço mudo porém mais eloquente

que qualquer palavra, abraço desejado há tanto tempo e que devolveu o filho a Mônica, como quando o abraçava criança na mesma fé e no mesmo amor.

Mônica chorou ainda uma vez, mas agora de alegria e de triunfo. A visão se tornara realidade: "Aí onde estou, tu estarás". O seu Agostinho está verdadeiramente na mesma regra de fé e ela podia cantar ao Senhor um hino de ação de graças; sua missão estava cumprida: agora podia esperar o prêmio das orações e das lágrimas derramadas pelo filho.

EM CASSICIACO

Agostinho, desfeito dos laços que ainda o prendiam à vida tumultuosa de Milão, tratou de se isolar.

Foi Mônica que o conduziu impelida pelo desejo de preparar a alma do filho para o batismo.

Verdadeiramente Agostinho sentia necessidade disso: sua vida tinha sido até então vasia, desordenada e culposa; só a solidão e o silêncio a reparariam e levariam à plena maturidade a obra da graça já empreendida no horto.

Romaniano, de quem já falamos, foi quem ainda uma vez cuidou da manutenção; um amigo e colega do ensino do retor, Verecondo proveu à hospedagem, emprestando-lhe a própria vila em Cassiciaco.

Agora tudo estava pronto; o lugar era excelente, moradia e sustento assegurados.

Terminado o ano escolar, num belo dia de outubro, Agostinho com a mãe, o irmão e alguns dos discípulos mais afeicionados se dirigiram para o novo domicílio.

Não se pode dizer quão feliz correu aquella época da vida para Mônica e Agostinho: longe de todos e sem grandes importunações, nada faltava daquilo que importa para reconstruir o ideal de uma vida.

Cada um atende às próprias necessidades: Agostinho é o chefe da família, o administrador dos bens anexos à casa de campo; Mônica é a dona de casa ocupada nos afazeres domésticos e na oração, como a mais simples das mães; os mais da comitiva são estudantes sob a direção de Agostinho: compõe versos, passam o tempo em disputas das quais todos participam, até Adeodato e mesmo Mônica.

Foi justamente nessas disputas familiares que ela manifestou o gênio, o entendimento que comunicara ao filho. Atendendo aos seus misteres, não participava sempre das contendas; convidada a tomar parte nelas, em sua modéstia, se admirava daquela honra e gracejava o propósito.

Uma vez Agostinho, a arrasta quase a força, e lhe diz:

— “Mãe, não amas talvez a verdade? Então porque eu haveria de corar, de dar-te um lugar entre nós? Tens para com a verdade um amor maior do que por mim, e eu sei com que amor me amas!... Nada te poderia separar da verdade. Não é este o sumo gráu da filosofia?”

Para Agostinho como para nós, verdade e filosofia se equivalem e ele não hesita em se declarar discípulo daquela que mais do que ele amava a verdade e que por ela dera até a vida.

“COMO CERVO NA FONTE!”

Compondo poesias e discutindo, meditando a Bíblia e rezando passaram cerca de seis meses no retiro de Cassiciaco, em contato com a natureza virgem que nos alegra e nos faz bons.

Para Agostinho a volta à natureza não foi inútil. Recebeu um como que batismo antecipado, cuidando em lavar a alma, de toda a mácula e torpeza, em purificar o intelecto dos erros que tinha quase encarnados.

Um ardentíssimo amor a Deus abrasou seu coração e exclamava: “Oh! beleza antiga e sempre nova, muito tarde te conheci, muito tarde te amei...”

“Oh! verdade! luz do coração; oh! amor que arde sempre e não consome jamais, amor de meu Deus, queima e consome meu coração!...”

Mônica percebia as aspirações do filho e com isso se alegrava: a alma de Agostinho desejava Deus como um cervo na fonte; o dardo do amor divino feriu-a e a consome. Como todos os grandes convertidos, ele é um amante: a vida para ele tem por eixo a caridade cristã. O tempo do batismo se avizinhava. Transportaram-se a Milão e depois dos habituais pre-

parativos, na noite do sábado santo Agostinho foi batizado pelo próprio Ambrósio e com ele também Adeodato: saíram transfigurados.

Uma piedosa tradição nos diz que o entusiasmo por tão comovente solenidade se apossou de todos os assistentes; Ambrósio inspirado, com os braços elevados ao céu, entoou o “Te Deum laudamus”, a que respondia Agostinho, alternando sua voz com a de Ambrósio.

EM HÓSTIA

Depois do batismo, Agostinho não teve outro desejo: viver em solidão, unicamente com Deus e para Deus.

A rumorosa Milão lhe impedia de conseguir o ideal; pensou pois em voltar a Tagaste: africano de nascimento, queria viver na África, onde pensava em fundar um mosteiro.

De comum acordo com a mãe e os companheiros, foi decidida a partida.

Pelos fins de outubro deixaram a cidade que assistira às derradeiras lutas e à vitória de uma mãe obstinadíssima contra o filho obstinado, e se puseram a caminho para Hóstia onde esperavam encontrar uma embarcação que os reconduzisse à pátria.

A viagem até Hóstia foi longa e cansativa e Mônica chegou extenuada; fê-la contudo alegremente. Antes de partir, ou talvez em viagem a santa teve um

êxtase. Depois da comunhão, em um impulso de reconhecimento, levantando-se com a fisionomia alegre e com o espírito arrebatado, gozando de grande paz, exclamou:

Voemos ao céu, fiéis, voemos ao céu!

Agostinho e os circunstantes se espantaram; interrogaram-na, mas ela não respondeu. Aquele silêncio, imposto por sua modéstia, para nós é bastante eloquente e nos diz qual era sua virtude, que lugar ocupava em seu espírito o pensamento do céu.

Desde então, aquele sentimento que foi tão bem denominado “nostalgia celeste”, aquela necessidade da pátria eterna para a qual tendemos, não a deixou mais, e enquanto que antes, não queria abandonar a terra, mesmo desprezando-a, para não deixar o filho nas trevas entre perigos, agora que o via convertido e piedoso, o desprezo pela terra se transformou em uma ardentíssima aspiração do céu, onde fixa o olhar e o pensamento.

O ÊXTASE DE MÔNICA

Hóstia nessa época era o empório, o porto de Roma e por isso cidade bastante ruidosa. Todavia, nossos africanos acharam hospedagem em uma casinha tranquila longe do vai-vem e do estrépido dos homens atarefados com cousas terrenas. Foi justamente nesta casa que assistimos a uma cena na qual

apareceram na sua luz gloriosa, as figuras de Mônica e de Agostinho.

No terraço, mãe e filho, contemplavam enlevados, a natureza.

Diante daquelas faces pálidas e descarnadas, diante daqueles olhos vivos e cintilantes se apresenta um espetáculo grandioso e comovente ao mesmo tempo. De um lado, o mar reflete como tenríssimo cristal o esplendor do sol poente. O céu esplêndido e azul, termina longe, longe, confundindo-se com o azul do mar. De outro lado, a amplidão imponente e severa das campanhas romanas, o verde das árvores, o silêncio crepuscular: tudo leva à contemplação do infinito.

Agostinho e Mônica admiram e falam do céu, da eternidade. Aspiram, diz o próprio Agostinho, com os lábios da alma aos mananciais de vida que estão no mesmo Deus.

Transportados por novo ímpeto para a felicidade eterna, atravessam umas depois das outras, as cousas corpóreas, o sol, a lua, as estrêlas, o firmamento, passam além e estacam no Paraíso, pátria bem-aventurada. Anelando aquelas paragens divinas, delas falando, tocaram-nas por instantes, num supremo arremesso do coração.

Quanto durou esse êxtase? Não o sabemos: Agostinho mesmo não nos diz. Subtraídos à vida dos sentidos num gozo jamais experimentado, ainda que tivesse passado um dia, lhes teria parecido um relâmpago.

Esta união mística mas real e indescritível da

criatura com o Criador, do homem com Deus, deixou nos santos uma tal nostalgia do céu que com mágua e sumo pesar se resignaram a voltar à terra. Porém foi forçoso descer e Agostinho, em tom de doloroso lamento, disse:

— “Vendo que era preciso descer, suspiramos, deixando prisioneiras no alto as primícias do espírito”.

A doce visão se tinha desvanecido: pouco a pouco tocaram de novo a terra desiludidos e confusos.

Ainda absorta no pensamento do céu, Mônica, sentiu que sua missão se tinha cumprido, movida por um seguro pressentimento volta-se para Agostinho e lhe diz:

— “Meu filho, quanto a mim nada mais me satisfaz nesta vida. Que farei neste mundo, ou para que ainda estarei aqui, não sei. A única cousa que me fazia desejar permanecer ainda um pouco neste mundo era ver-te cristão e católico. Antes de minha morte Deus me concedeu mais e melhor do que isso, pois te vejo desprezar a terra para servir a Ele só. Que faço aqui?”

MORTE BEM-AVENTURADA

Depois do êxtase, Mônica não vivia mais na terra. Aquele êxtase, foi o adeus de quem, exgotada toda esperança no mundo, se aproxima da morte, aguardando de instante a instante o aviso da partida, o cha-

mado do céu, onde não só deixara as primícias do espírito, mas também o coração.

De fato, cinco ou seis dias depois do colóquio com o filho, uma febre maligna a assaltou e a constrangeu a se por de cama para não mais se levantar.

Passado o primeiro dia, o mal piorou até fazê-la desmaiar. Agostinho, Navígio e o pequeno Adeodato acreditando-a no fim da vida, rodearam-na e enquanto tratavam de fazê-la voltar a si, ela abriu docemente os olhos, olhou em redor, surpresa, e disse:

— “Onde estou?”

Vendo depois os filhos aflitos, compreendeu que a morte se avizinhava e disse com voz resoluta:

— Sepultareis aqui vossa mãe.

Atormentado com a ideia da morte, Navígio, o filho afetuoso que a tinha acompanhado sempre, protestou:

— Não, mamãe, ficarás boa, morrerás na pátria... E teria continuado se a enferma não o interrompesse.

Perturbada e aflita com a linguagem tão pouco cristã, voltando-se para Agostinho, disse:

— Ouviste como ele fala?

Depois virando-se para todos e com voz risonha prosseguiu:

— Colocai meu corpo em qualquer lugar sem que isso vos de cuidado: só vos peço que vos lembreis de mim no altar do Senhor, onde quer que estiverdes.

Depois disso o mal foi se agravando cada vez mais: sofria dores agudíssimas, mas o amor que inti-

amente a consumia era mais forte: jamais se lamentou e assim os derradeiros dias, as últimas dores de sua vida a integraram completamente em Deus; a morte devia completar a obra, quebrando os laços que ainda a prendiam à terra.

Agostinho assistia edificado a esta transformação; proporcionava os derradeiros cuidados, mais ternos e afetuosos, àquela que tantos tivera com ele. Mônica mais forte que o filho, vendo-o tão abatido, confortava-o e lhe agradecia. Chamava-o o seu bom filho e, percebendo nele o arrependimento de tê-la contristado e havê-la feito chorar por tantos anos, o apertava contra o coração e lhe assegurava nunca ter ouvido de sua boca palavra alguma que lhe tivesse causado tristeza.

Era o cúnulo da ternura materna. Agostinho o compreendia: mais que as palavras, foram os atos dele a vida que a fizeram chorar e a levaram a morrer em solo estrangeiro.

Passaram assim os dias de sua enfermidade. No nono dia teve o pressentimento seguro do próprio fim. Pediu ardentemente a Eucaristia, mas as dores de estômago eram tais que lhe impediram de receber este conforto.

Foi este o último sacrifício e o Senhor a recompensou. Uma piedosa tradição, recolhida pelos Bollandistas nos narra que, pedindo com insistência o Viático achavam que lhe deviam negar; foi então visto entrar no quarto um menino: aproximou-se do leito da Santa osculou-a no peito e ela, como se fosse cha-

mada, abaixou a cabeça e expirou verdadeiramente no beijo de Senhor.

Era no ano de 387; Mônica contava 56 anos de idade.

SEM MÃE!...

Agostinho lhe fechou os olhos.

Confortado a princípio pelo pensamento da felicidade ao encontro da qual ia a mãe ao morrer, teve a coragem e a força de não chorar, ele sempre ter-no e de lágrimas fáceis; parecia-lhe que chorando perturbaria a felicidade da mãe.

Adeodato ao contrário não se conteve e jogando-se sobre o corpo da defunta avó, banhando-a de lágrimas, caiu em soluços. Os assistentes muito comovidos fizeram-no calar, todavia, aquele pranto os comoveu profundamente e Agostinho depois de muito ainda se recordará do fato, ressoando-lhe ainda aos ouvidos os gritos do filho: “Parecia-me, diz, que era a minha alma de criança que queria chorar como ele”.

Acalmado Adeodato, os presentes recitaram diante do cadáver ainda tépido de Mônica, os salmos de Daví.

Acabada a oração, foi Agostinho chamado à parte. Um fato veio consolá-lo na desventura: numerosos cristãos, na maioria mulheres piedosas, correram a visitar a Santa, louvando o Senhor por uma morte tão comovente.

As visitas duraram todo aquele dia. No dia se-

guinte, o corpo foi levado para a igreja, onde foi oferecido o S. Sacrifício pela alma da defunta e depois foi sepultado.

Agostinho seguiu o corpo da mãe contendo as lágrimas; nem mesmo diante da sepultura aberta chorou. Temia, por uma reserva toda cristã, escandalizar os fiéis presentes se imitasse aqueles que não têm fé, os pagãos. Mas o esforço constante para dominar a sua dor, era um novo sofrimento para ele; as lágrimas para os mortais são um desafogo, um alívio; retendo-as se ocasiona uma dor mais acerba: era por isto que passava Agostinho.

O dia terminou para ele numa tristeza mortal. Buscou conforto em passeios mas nada aliviou o seu desgosto.

No dia seguinte, ao despertar, pensando outra vez em todo o amor, em toda a ternura recebida daquela mãe, não se conteve mais: “Libertei, diz, as lágrimas que comprimia, para que banhassem o meu rosto quando fosse de seu agrado...” Sentado no leito, com a cabeça entre as mãos sentiu a volúpia das lágrimas, pranteando aquela que tanto chorara por ele.

O FILHO DE TANTAS LÁGRIMAS

O MONGE DE TAGASTE

A santidade de Mônica se irradia da grandeza de Agostinho: este é como um fundo do ouro sobre o qual acaba de delinear-se, em toda a sua beleza, a figura de Mônica. Parecer-nos-ia um tanto incompleta esta, ainda que breve, biografia, se não se referisse também à vida daquele que de Mônica foi duplamente filho.

Passado um ano de luto junto ao túmulo de sua Mãe, Agostinho, com a comitiva africana, embarcou para a pátria. Depois de 12 anos, desde que a havia deixado, chegou a Tagaste: tudo está diferente em torno dele; ele mesmo volta com o firme propósito de mudar, de viver vida nova na solidão.

Este isolamento tão ambicionado, achou-o em um mosteiro fundado por ele e por companheiros, contudo mesmo isolado não cessa de trabalhar, de escrever para o bem de seus irmãos.

Ele vê angustiado o crescimento do mal: em Hipona, em Cartago, em Roma, no mundo inteiro existe inimigos da Igreja; ouve o sussurro dos conciliá-

bulos secretos contra a religião; os maniqueus, os herejes continuam a propaganda seduzindo inúmeros espíritos inespertos.

Importa por um freio e logo!

Agostinho se multiplica, escreve aos amigos, publica opúsculos, adverte a todos, não descansa: as paredes da cela bem podem separá-lo do mundo mas sua palavra, sua voz domina todo o Oriente e Ocidente, abraça os limites do tempo e do espaço e chega até nós infatigável, forte e amorosa.

Nesta vida de luta contra o inimigo, de defesa do irmão há um perigo, ele o vê: é preciso fugir, é necessário esconder-se. Por isso cada vez mais procura a solidão, a vida retirada.

O mundo porém o conheceu: o segue, o assedia até em seu retiro, o reclama para o próprio bem.

Os conhecidos de Tagaste estão orgulhosos dele. Sabem que ele fala bem, conhecem a sua ciência, suas numerosas relações e a influência de sua personalidade. Lançam-no nos trabalhos, pedem-lhe apôio, sua mediação; algumas vezes o constroem a defendê-los no tribunal: ele se esquiva, não quer, mas por fim o orador, o advogado vence o monge e lhes satisfaz.

Por isso Agostinho é um santo característico: ele é o mais humano, o mais amável dos santos. Nele primeiro está o homem, o pecador, depois o santo; primeiro o retor, o professor, depois o monge, o pastor que não desdenha de lidar com os homens e com as cousas dos homens para salvá-los.

SACERDOTE DE CRISTO

Os habitantes de Tagaste, vendo a celebridade do concidadão, temem seja arrebatado por algum país vizinho, e por isso rodeiam, lhe montam guarda.

O temor deles era fundado, o perigo era real. Eram muitos os interessados em que a lâmpada, o farol de Agostinho não permanecesse sob o alqueire, mas fosse posto sobre o tripé para iluminar a todos.

Um rico personagem de Hipona, alto funcionário do império, chamou-o à sua presença para desfazer algumas dúvidas pessoais que lhe impediam uma vida completamente cristã.

Agostinho para lá se transportou: foi uma imprudência. Durante a sua estadia o bispo de Hipona Valério, pronunciou na basílica um discurso no qual lamentava a escassez de padres em sua igreja.

Confundido entre a multidão de fiéis, Agostinho, tranquilo e certo de não ser conhecido, o escutava. Mas alguns, reconhecendo-o, apontaram para ele; começou um murmúrio confuso, até que todos gritaram: Agostinho padre! Agostinho padre!

É na realidade um modo muito estranho de eleger sacerdotes: Agostinho foi escolhido do povo, o prejudicado, se quisermos; tentou desevecilhar-se e fugir. Vendo inútil aquele esforço, cedeu. A eleição foi confirmada pelo bispo Valério, e assim foi ordenado sacerdote.

NA CÁTEDRA EPISCOPAL

Um passo a mais e Agostinho será bispo. Ele não pensa nisso; vê, porém, o risco de se tornar alvo, ainda uma vez, nas eleições populares de Hipona, onde para esconder-se obtem um lugar para transferir o mosteiro de Tagaste.

Desta vez, porém, não será mais uma eleição popular, mas o próprio bispo Valério o tirara do esconderijo.

Mesmo no mosteiro de Hipona, Agostinho era desejado pelas igrejas vizinhas. Valério pensou em prevenir o golpe: aproveitando a ocasião de uma solenidade, com o conselho e o apôio de Aurélio, primaz de Cartago, elegeu Agostinho bispo auxiliar destinado a suceder-lhe na sede episcopal. Isto ainda foi uma nova surpresa, um golpe imprevisto de Hipona que, se devemos acreditar no novo Pastor, o deixou desolado, mas por pouco tempo; recobrando o ânimo se pos em ação.

“IN LUCEM GENTIUM”

O campo proporcionado ao seu ministério pastoral era vasto em Hipona, na África, no mundo inteiro. A obra por fazer era vinha do Senhor, era imensa.

Em Hipona ele era o Pastor mas quase sem rebanho, ou pelo menos este era muito tímido e redu-

zido em comparação com os herejes que eram numerosos, fortes e prepotentes.

Estes como lobos, como leões rugindo, faziam devastações nos fiéis; mesmo a Igreja de Hipona corria sérios perigos.

Agostinho, que agora os conhece e de nenhum modo se amedronta com os seus gritos, e suas ameaças, defronta-se com eles por palavras, por escritos, em público, em particular e por fim, em uma discussão pública com a presença de notários e estenógrafos, fiéis e herejes, inflinge ao principal expoente desses últimos, Fortunato, uma vergonhosa derrota.

Este, já tinha sido chamado para intervir na discussão; conhecera Agostinho em Cartago, admirava-lhe o gênio e tinha mui pouca vontade de se meter com ele. Saíndo-se mal, não sabendo como se livrar desse aperto disse que ia consultar os bispos maniqueus, mais doutos que ele; com esse pretexto, envergonhado, afastou-se de Hipona e não se deixou mais ver.

Para Agostinho, esta vitória foi o princípio da luta: desde então, presa de mil inimigos que não lhe davam tréguas, afronta-os todos e os abate com golpes mortais, escrevendo, pregando, animando concílios.

Corrige abusos no seu rebanho, alimenta-o com sua palavra persuasiva e penetrante, e vem a ser o maior dos Padres, o mais incansável dos pregadores, luz da Igreja universal: Agostinho, por si só enche os primeiros decênios do século V e com o seu pensamento os séculos sucessivos.

Vencidas por completo as paixões, levado nas asas do amor, voa no caminho da santidade; não se cansa, não pára enquanto não atinge a união mística, íntima e completa com o Verbo.

Sua visão de águia só se deslumbra com o esplendor da Trindade: não há cimo que não tenha tentado escalar, não há profundidade cheia de mistérios que não tenha sondado. Uma pena de ouro na sua mão convulsa, assinala veloz o pensamento, o voo de sua altíssima inteligência; segue os movimentos do seu coração, e é de maravilhar que, resistindo ao ímpeto do seu pensar, de seu sentir, não tenha sucumbido.

Se Mônica tivesse assistido às lutas e aos triunfos do filho sobre si mesmo e sobre os inimigos da religião descuidosa de honrarias que podiam vir a sua pessoa, como mãe, teria estimado aqueles, os dias mais felizes de sua vida; ela mesma se teria ajoelhado diante daquele que, embora seu filho, podia considerar agora como pai espiritual; mas ela em Hóstia se contentou com ver o filho fervoroso cristão, e, cheia de reconhecimento para com Deus findou alegre os seus dias. Do céu ela o assistiu comovida na luta.

ÚLTIMA FASE

Agostinho é um daqueles homens que a humanidade não terá mais. Ele é um exemplo perfeito, universal; nós o poderemos imitar mas seremos sempre cópias incompletas de um modelo inatingível. Por isso

Agostinho nunca morrerá; para ele não existe a morte, ele a venceu e agora está “in memoria aeterna” junto a nós, mortais, que o admiramos enlevados mas não espantados: sentimos que podemos imitá-lo ao menos em alguma cousa: a sua luz, a sua força é também a nossa; o seu prêmio será também o nosso, Jesus Cristo. Agostinho, agora que já estava envelhecido e próximo ao fim de seus dias, não temia a morte: sempre estava preparado; tinha-a visto no amigo de Tagaste, em Mônica, em Adeodato e em muitos outros casos. Todavia, apesar de desejá-la, não a procurava; parecia-lhe que pouco tinha feito, que devia empreender mil outros trabalhos que o gênio e o amor pelas almas lhe sugeriam.

Agora, porém, seu corpo carregado de achaques e apoucado de forças não podia mais conter sua grande alma. O mal que havia anos o assediava desta vez o prostou. Tinha 76 anos e foi um milagre que resistisse tanto. Recolheu-se ao leito e dentro em breve viu-se no fim de suas forças.

Sentindo o mal se agravar cada vez mais, pediu que ninguém, exceto o médico e os enfermeiros, entrassem em sua cela. Na véspera da morte, próximo ao dia da recompensa quis ficar só com Aquele que fora o seu apôio e agora seria o seu prêmio.

Rezou longamente, pediu ainda uma vez perdão e numa tarde, enquanto os monges e os amigos sussurravam as últimas preces, o seu coração cessou de bater; pouco a pouco os olhos se velaram e as linhas de

seu rosto se distendem. Agostinho morria e entrava na glória, enquanto os bárbaros assediavam Hipona.

Era o dia 28 de agosto de 430.

Livre finalmente, a sua alma se encontrou no céu com a de Mônica. Foi um instante: mãe e filho se elevaram ao centro do amor, da contemplação divina, por eles tão ambicionado, agora possuído por toda a eternidade.

IMITANDO-LHE O EXEMPLO

SANTA MÔNICA E O SÉCULO XX

O século XX se pode muito bem comparar com o de Agostinho. Em nenhum século como o nosso, as mães verdadeiramente convictas de sua missão, foram chamadas a dores tão profundas.

Dizer que este século é pior que o de Santo Agostinho é pessimismo exagerado; mas é certo que nenhum foi tão atormentado como o nosso por crises materiais e sobretudo morais. As crises materiais são também causadas pelas crises morais da consciência.

Homens apáticos, indiferentes para as cousas da religião, sem oração e até sem Deus!

Jovens que aos 16 anos recusam desdenhosamente ouvir os conselhos das mães, abandonam a fé de sua infância, desertam da igreja e chegam ao tumulto sem terem perguntado a si próprios se têm alma, se têm deveres para com Deus que os criou.

Inteligências ricas que se obscurecem, e se consomem no vício. Vidas sem nobres ideais, privadas de entusiasmos generosos, fechados unicamente no círculo do egoísmo e dos prazeres.

E junto destes homens, destes jovens que um dia tiveram fé e um ideal agora perdidos, ao lado destes homens nos quais, geralmente a centelha da virtude poderia acender-se de novo, se houvesse um auxílio, uma mão benéfica que a desenvolvesse, não achamos senão a indiferença ou a solicitude demasiado vaga de uma mulher esquecida de sua missão de companheira, de sustentáculo espiritual do homem para dissipar-se em ninharias.

Mães, esposas, filhas, irmãs que vendo o precipício pavoroso e inevitável de uma eternidade infeliz para a qual se precipitam os entes mais caros — que elas amam, demasiado, segundo a carne — afligem-se e se atormentam e não sabem senão lamentar-se e limitam-se em admoestações tão fracas e feitas com tantos rodeios que não podem ser eficazes. Não pensam que assistir impassíveis a esta morte horrível, é uma negligência, um pecado que a sobrecarrega de uma responsabilidade não pequena.

Neste século importa reformar a educação e esta se reforma transformando as mães. O século dos Agostinhos será resgatado por um século de mulheres que imitarão o exemplo de Mônica.

Por isso convém antes de tudo que as mulheres, os anjos tutelares do homem, plenamente côncias da própria missão salvadora, não recuem, mas com plena consciência das forças divinas que o Sacramento do matrimônio pôs nelas, tenham a coragem de cumprir com a obrigação de salvar os entes queridos.

Mas para isto quantos sacrifícios quantas desi-

lusões! Não importa: a vida é feita de esperança e de constância. Passarão 5, 10 anos e Deus saberá coroar, em tempo oportuno, a vossa obra e reconduzireis os homens ao bem com os atos dum generoso sacrifício de vós mesmas, com doçura e com vossas orações.

Disse: em tempo oportuno, porque mesmo Mônica experimentou a desilusão, foi caluniada pelos de casa; sentiu a dor de ter um marido pagão, mas o converteu. Teve um filho que foi o seu martírio e só depois de 25 anos de energia e doçura ficou vitoriosa e deu à Igreja aquele gênio incomparável que ainda hoje enche o mundo com o seu nome: Agostinho.

SABER CALAR

Esta é talvez uma das mais belas lições que podemos aproveitar da vida de Santa Mônica.

Em quantas famílias de nossos dias reina a discórdia, às vezes o ódio por indiscreções no falar!

Antes de tudo a esposa deve saber manter um silêncio digno e reservado com o marido, pois é sempre verdade que o mais belo ornamento da mulher é o silêncio e quando ela cala e obedece, vence.

Seria enfadonho e inoportuno nesta pequena biografia alongarmo-nos em conselhos, aliás, úteis, mas que toda mulher conhece em teoria. Muito mais útil é apresentar o exemplo de Mônica que, em vida serviu de modelo para as esposas de Tagaste, suas contemporâneas.

Todos já conhecemos o temperamento de Patrício: colérico, violento e pronto também a valer-se das mãos quando a sua ira não conseguia dar-lhe razão. Agostinho mesmo nos diz que as pessoas do lugar sabiam como era grosseiro o esposo de Mônica. Pois, apesar desse caráter intratável ninguém ouviu dizer, nem parece, que Patrício tivesse batido na mulher ou houvesse grande discussão entre eles. No entanto era sabido que outras senhoras de Tagaste, amigas de Mônica, cujos consortes eram todavia de índole muito mais branda do que a de Patrício, eram por eles espancadas.

As amigas de Mônica se maravilhavam extraordinariamente com a paz doméstica e a concórdia entre ela e o marido, tão raramente perturbadas. E, quando unidas em grupos, iam procurar a esposa de Patrício, que ainda não era santa mas se mostrava uma jovem muito ajuizada, não lhe escondiam seus sofrimentos e suas penas; antes lhe mostravam as faces inchadas de bofetões. Seguia-se um desabafo exaltado contra os maridos cujas vidas licenciosas eram causa, como elas diziam, de todas as desgraças da família. Mônica então, esquivando-se para dar fim à maledicência e quase gracejando, reprovava-as dizendo:

— Culpai vossa língua!...

Lembraí-vos daquilo que vos foi dito no dia dos vossos esponsais; disseram-vos que sereis as servas dos vossos maridos. Então não vos revolteis contra eles.

Maravilhadas perguntaram como ela se avinha

com o esposo. Então Mônica contava que nunca lhe reprovava a infidelidade. Quando a cólera o dominava, deixava-o dizer imprecações e maldizer até completo desafogo. Só então vendo acalmar-se o marido, aproximava-se e lhe fazia ver com toda a delicadeza como não tinha razão.

De tal modo, Mônica se tornou bela a seus olhos, e o respeito, e a admiração que ele nutria pelo seu pudor se transformaram pouco a pouco em verdadeiro amor, tanto que Agostinho nos diz que “ele (Patrício) lhe queria muito bem”.

Esta atitude, Mônica aconselhava às amigas e Agostinho concluía que “as que eram dóceis ao conselho, ficavam contentes enquanto as que não lhe atendiam saíam-se mal!”

Assim foi para Mônica e suas amigas, e como podemos afirmar que os maridos de nossos dias não são piores, também as esposas de hoje ficarão contentes adotando este procedimento.

A lição é eloquente, o remédio eficaz.

A ORAÇÃO

A prece é a respiração da alma. Como morrem o peixe fora d'água e o homem por falta de ar, assim a alma sem oração, enlanguece, não tem força para resistir ao mal e se perde.

Orar é, pois, necessário a todo cristão. O Divino Mestre não cessava de inculcar-nos a importância, a

necessidade do “Pedi e obtereis; vigiai e orai; até agora não pedistes nada”.

Ele mesmo nos deu o exemplo, passando as noites em oração; ensinando-nos a orar quando disse: “Rezai assim”; e em seguida pronunciando as palavras com doçura infinita, prosseguiu: “Padre nosso, que estais no céu...”

Pai! disse Jesus. Pai! devíamos dizer também cheios de confiança: Pai, pelos méritos de vosso Filho, ouví-nos! Senão o fizermos, o inimigo, o mal terá vantagem e se verificarão as palavras de S. Afonso ao dizer: — “Quem não reza, se condena”.

Temos visto o exemplo de Mônica neste particular; não disse só algumas orações em certas contingências de sua vida, mas toda a sua existência foi uma prece contínua, sem interrupção; quando não rezava com os lábios, rezava seu coração; quando não orava em seu coração, sua vida orava e obtinha misericórdia do Senhor.

Ainda criança, aprendeu com a mãe a rezar; mocinha, esposa e mãe, intensificou suas orações; viuva e acompanhando o filho através das regiões terrenas e do espírito, rezou tanto que o converteu.

O nosso pensamento, levado nas asas da imaginação nos lembra alguns fatos: a praia de Cartago, o engano do filho, a oração na capela de S. Cipriano. Voando ainda nos leva a Hóstia ante o terraço onde estão mãe e filho: olhamo-los, contemplamo-los admirados quase adivinhamo-lhes os pensamentos, as ora-

ções; o movimento rápido e ligeiro daqueles lábios subtís não exprimem apenas o que o coração sente mas se vê quanta ternura há naquelas almas amorosas; não percebemos o rumor da voz mas vemos o suspiro do coração. Tudo se realiza numa mística cena, onde mãe e filho envoltos de glórias antegozam as alegrias da pátria celeste.

Nesta rápida visão tomada da vida de Mônica podemos ver como ela santificava — cada instante de sua existência, como ela cuidava de fazer cristã a vida menos exemplar do esposo e do filho com a oração, com a fé inabalável que a tornava intrépida à toda prova.

PODER DE MÃE

Alta e sublime é a missão da mãe na Igreja, na sociedade, no mundo!

A sua missão no mundo é tão nobre que nada a supera e nem mesmo a iguala, pois Deus que lhe deu o poder de gerar os filhos na terra, deu-lhe também o poder quase divino de, com a Igreja, plasmar as almas para o céu.

E' a mãe que forma os grandes e os heróis que o mundo honra; e ainda é a mãe que forma os santos que a Igreja venera e cuja intercessão os fiéis imploram.

A missão da mulher não é a de ficar na tela ou a de esculpir no mármore a seres inanimados: "as mulheres fazem, como diz De Maistre, algo de bem

mais sublime: em seus joelhos se forma o que há de melhor no mundo”; elas formam o corpo vivo dos filhos, plasmando-lhes a alma a seu bel prazer.

Santa Mônica é do número delas e deu à Igreja Agostinho; outras mães lhe imitarão o exemplo.

Fortes creantur fortibus et bonis!

Os fortes são criados pelos fortes e pelos bons. Assim oh, mãe sêde fortes e santas e criareis um forte. Vosso filho será como sois, como o quizerdes: puro, nobre, generoso, intrépido, se tiverdes no coração estas virtudes e se souberdes plasmar estes ideais na alma tenra dos vossos filhos. Se a mãe, pelo contrário, privada desses ideais, for leviana e vulgar o filho se lhe assemelhará e será vulgar e frívolo.

Mas para obter resultado na educação, importa educar o filho ainda jovem. A este respeito apraz-nos referir o que disse o conde De Maistre: “O homem moral é formado por volta dos 10 anos; não sendo moldado nos joelhos maternos daí advirá grande dano. Nada pode substituir a educação da mãe: se esta tomou como um dever imperioso esculpir na fronte do filho o caráter divino, pode-se ficar seguro de que a mão do vício o obliterará jamais”.

Se isto é verdadeiro e consolador, por outro lado é certo que os filhos ao crescer se transviam, se engolfam nos vícios. Depois há dificuldades, corrupções do ambiente, paixões que as mães não podem nem sabem prever e ainda menos conjurar. Dificuldades e perigos existem e muitos, porém a mãe, ajudada por Deus, tudo pode: um filho que recebeu desde crian-

ça uma educação firme tal como sabem e podem dar mães cristãs, pode ainda extraviar-se mas ele conserva no coração uma impressão indelével, uma reserva de fogo sagrado que a seu malgrado, nunca poderá destruir, e um dia, arrependido, pois será atormentado pelo remorso, voltará aos joelhos da mãe pronto a ressurgir.

Santa Mônica também nisto é para toda cristã um modelo perfeito. Agostinho nos diz que ele nasceu para a vida do céu ao mesmo tempo que para a vida da terra, e despertando neste mundo, leu nos olhos da mãe, a fé, a pureza, a virtude. Falando depois da dorçura que sentia ao tomar o leite materno, exclama: “Naquele leite o meu coração ainda mais feliz que o corpo, bebia amorosamente o nome de Jesus Cristo”.

Estes foram os primeiros cuidados que ela prodigalizou ao filho e nos mostra quanto interesse tinha posto em formar-lhe logo o caráter.

Os sofrimentos que passou mais tarde já nos são conhecidos. Agostinho traiu por algum tempo a primeira educação, é verdade. No entanto estacamos admirados diante de uma mãe iludida nas suas esperanças, angustiada pelas quedas pecaminosas do filho, mas que não conheceu obstáculos para seguir Agostinho pecador, e acender-lhe de novo aquela centelha, que ela sabia ainda acesa no seu coração, convertê-lo e conduzi-lo a Deus.

Assim deveis fazer também vós, mães, e então poderá dizer-se com razão não haver perigo que uma

mãe não saiba evitar ou vencer. E ainda quando vosso filho tiver cedido por um momento ao mal, às paixões, no dia em que vós quiserdes ele sairá do abismo e ressuscitará para a virtude. A exemplo de Mônica e de sua constância, vencereis não só vossos filhos, mas ainda vossos maridos e impeli-lo-eis a seguir o exemplo não já de um Patrício, de um Agostinho corrupto, carnal, pecador, mas o exemplo nobre de um convertido, de um convertido santo.

CULTO A S.TA MÔNICA

SANTA MÔNICA OUVES OS SEUS DEVOTOS

Agostinho tinha deposto o corpo da mãe em uma sepultura em Hóstia à beira do mar e aí ficou até a superveniência das invasões bárbaras devastadoras das cousas mais sagradas e artísticas. Para ficar livre das buscas dos bárbaros foi escondida na igreja de S. Áurea em Hóstia posto sob o altar, no fundo de uma gruta, segredo só conhecido dos sacerdotes da igreja.

Aí permaneceu cerca de mil anos conhecido e admirado por todos mas não venerado. Estava isto nos decretos de Deus: Mônica devia ser a padroeira das mães, cujos filhos se assemelham a Agostinho; por isto os séculos cristãos da Idade Média viram e admiraram Mônica, a mulher forte mas não lhe pediam a intercessão.

Mas no princípio do século XV o protestantismo preparava tantos Agostinhos culpados; era por isso premente a necessidade de uma mãe que pudesse ser modelo e conforto para as cristãs, despontou então a aurora do culto a Mônica. Precisava intervir o Chefe Supremo da Igreja e pô-lo nos altares em toda a sua luz.

Para levar a cabo esta obra Deus escolheu o Papa Martinho V. Posto para governar a Igreja em tempos tão calamitosos, teve o pressentimento de tribulações maiores e, por uma daquelas inspirações divinas a que os papas obedecem mesmo inconcientes, mandou procurar as relíquias de Mônica para levá-las a Roma.

Com tal escopo encarregou Frei Pedro das Asalbizi, agostiniano de grande fama, com outros para constituir a comissão apostólica.

Chegados à Igreja de S. Áurea começaram as pesquisas e depois de humildes orações descobriram a sepultura. Aberta esta “se desprendia, disse um testemunho, daquelas preciosas relíquias... um aroma nada inferior aos mais finos perfumes da terra”.

A GLÓRIA

Levando consigo os santos despojos, se puseram de volta para Roma, sem nenhuma solenidade, pois esperavam que o próprio Papa estabelecesse o dia da festa solene. Deus, porém, não esperou e exaltou a sua serva.

Era domingo de Ramos: Roma estava atravancada de populares, camponeses, colonos, comerciantes provenientes dos castelos e dos arredores romanos: gente cheia de fé, fácil de entusiasmar-se e sempre pronta para as grandes manifestações. Vendo o cortejo de sacerdotes que escoltavam o carro e sabendo

do que se tratava das relíquias da mãe de S. Agostinho, prorromperam em altas exclamações; foi um verdadeiro triunfo, um hosana alegre: todos queriam ver a urna, tocá-la e beijá-la.

Alguns milagres aumentaram o entusiasmo da multidão em delírio. Enquanto os condutores do carro se esforçavam inutilmente para afastar o povo, prosseguir e chegar à Igreja de S. Agostinho, a multidão de súbito se abriu e deixou passar uma mãe que levava uma criança.

Aproximando-se da urna onde estavam guardadas as relíquias, encosta nela a criança que fica de pronta curada. Um frêmito corre pelo povo e o entusiasmo cresce desmesuradamente.

Não é este o único milagre. Outra mãe velava à cabeceira do filho, doente há oito meses, com uma moléstia que não dava mais esperança alguma. Contam-lhe o que acontecera, e ela, num ímpeto de fé, como só existe em coração materno, toma o filho, o envolve em uma coberta e vem depô-lo no ataúde da santa, e ficando de pé, cheia de confiança, aguardava que Santa Mônica se mostrasse verdadeiramente mãe. Não esperou em vão: pouco depois o menino se levanta e, são e alegre, se lança nos braços maternos.

FALA, O PAPA!

Comovido por estes milagres, o Papa Martinho decretou que uma solenidade extraordinária tivesse lugar, solenidade que ele mesmo quis presidir.

Esta foi grandiosa: o Papa acolhido por uma imensa e ondulante multidão celebrou o divino sacrifício; acabada a missa, pronunciou um discurso no qual ele mesmo confirma os citados milagres, e depois de ter recordado outros menos estrondosos e que nós por brevidade omitimos, conclue: “Se estes fatos que se deram à vista de todos e todos os dias se renovam com tanto brilho, nos devem inspirar uma fé inabalável nesta grande Serva de Deus”.

OREMOS À SANTA MÔNICA

NOVENA

I

Gloriosa Santa Mônica que desde os mais tenros anos, acolhendo alegre as justas correções de vossa educadora, vos emendastes com suma solicitude de todas as imperfeições, ainda mesmo as mais leves, e tornastes vossa delícia a modéstia mais edificante, obtende-nos a graça de velar com todo o carinho pela correção de nossos defeitos que nos amoldemos sempre às normas da perfeição evangélica. Gloria Patri etc. . .

II

Gloriosa Santa Mônica que, casada por decisão paterna, com um marido tão nobre quanto brutal e tenaz na idolatria em que nasceu, soubestes opôr vossa virtude a seus vícios e fazer reinar em vossa casa a paz mais inviolável, educar no santo temor de Deus todos os vossos filhos e a converter por fim à fé o vosso dissoluto consorte; impetrai para nós todos, a graça de tolerar sempre com santa resignação os defeitos de todos aqueles, com os quais nossa condição nos obriga a conviver e de nos portarmos sempre tão cristãmente, de modo a conduzir com nosso exemplo e nossos conselhos, pelo caminho da salvação, todos

aqueles que de algum modo 'se tenham desviado. Glória Patri etc. . .

III

Gloriosa Santa Mônica que, experimentada em vossa viuvez, com os extravios do primeiro e mais inteligente de vossos filhos, pusestes toda a vossa fé na oração e nas lágrimas e, depois de tê-lo seguido a Cartago e à Itália onde levava com seus conhecimentos literários o escândalo de seus costumes, tivestes finalmente a maior de todas as consolações, vendo-o todo de Deus, nas mais belas virtudes êmulo de S. Ambrósio que cooperara para sua conversão e percorrer a grandes passos aquela carreira que o elevou a tão alto no Paraíso; obtende para todos nós a graça de não desanimar nunca pela demora em sermos atendidos em nossas orações e de nos esforçarmos com todo o empenho para a santificação daqueles que nos são caros, de maneira a assegurar aquela glória particular prometida a todos os que se dedicam ao apostolado do bem. Glória Patri etc. . .

ORAÇÃO

Deus, consolador dos aflitos e salvação dos que esperam em Vós; Vós que olhastes com misericórdia as lágrimas piedosas da bem-aventurada Mônica pela conversão de seu filho, Agostinho; concedei-nos, por intercessão de ambos, deplorar nossos pecados e achar perdão em vossa graça. Assim seja.

Í N D I C E

Prefácio	5
Infância	7
Esposa e mãe	15
Viúva exemplar	34
Ao encalço do filho	45
O filho de tantas lágrimas	69
Imitando-lhe o exemplo	77
Culto a Santa Mônica	87

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>